

Edição Nº 15
ANO 5
Dezembro/2013
nd.org.br

ENFOQUE

Notre Dame

ALTERIDADE

Dulce Magalhães
Katia Biehl
3 entrevistas
João Pedro Roriz
comentários
5 convidados
encarte
escolas
painéis
artigos


NOTRE DAME

Compromisso com a formação humana!



Escolas Notre Dame

Colégio Maria Auxiliadora

www.auxiliadora.net
Fone: (51) 3462.8600
Canoas - RS

Escola Maria Rainha

www.mariarainhasnd.blogspot.com.br
Fone: (51) 3271.1600
Júlio de Castilhos - RS

Escola Sagrada Família

www.esafa.com.br
Fone: (51) 3547.1261
Rolante - RS

Escola Santa Catarina

www.escolasantacatarinasm.com.br
Fone: (55) 3221.1447
Santa Maria - RS

Escola N. Sra. Estrela do Mar

www.estreladomar1936.blogspot.com.br
Fone: (53) 3251.1431
São Lourenço do Sul - RS

Colégio Madre Júlia

www.colegiomaju-nd.com.br
Fone: (55) 3233.1180
São Sepé - RS

Colégio Santa Teresinha

www.santateresinha.com.br
Fone: (51) 3542.1328
Taquara - RS

Escola Sagrado Coração de Jesus

www.escjpedroosorio.blogspot.com
Fone: (53) 3255.1209
Pedro Osório - RS

Expediente

Ano V - Edição nº 15 - novembro 2013

Provincial: Irmã Renete Maria Cocco, **Coordenação:** Irmã Adelia Dannus, **Projeto Gráfico e Editoração:** Luciana Severo, **Revisão:** Adriano Rial, **Produção:** Centro de Comunicação e Assessoria Pedagógica, **Digital:** Leandro Salenave, **Impressão:** Algo Mais Gráfica e Editora, **Tiragem:** 5000 exemplares.

Os artigos enviados são de responsabilidade dos respectivos autores.

nd.org.br



Rede Nodre Dame
@ndprovincia

ALTERIDADE

Atitude de estar Presente ao Outro

por Irmã Adelia Dannus

Vivemos num tempo privilegiado de mudança de época. O foco social desse tempo volta-se para o subjetivo. Há uma busca insaciável de interioridade, satisfação, autonomia, gosto pessoal, subjetividade. O prazer e não raro, a alegria, passam a existir para nós mesmos.

Nesse contexto, a individuação já integra a linha de produção. O mercado disponibiliza a personalização de produtos para atender a individualidade dos clientes. É tão comum colocarmos nas telas de celulares e PCs a imagem ou a foto que queremos. Nem nos damos conta do quanto personalizamos o que usamos.

O horizonte pessoal se alarga de tal maneira que perdemos de vista a proximidade e a presença do outro. Limitamos o mundo em nossos ambientes "privados" e, enclausurados nos "spas" pessoais de nossos desejos, esquecemos a existência dos que participam de nossas vidas. Não temos mais tempo para ser hospitaleiros e acolhedores. Envolvemo-nos tanto conosco que não percebemos o encanto e a beleza de tantas coisas que o universo nos oferece. Perdemos a magia de estar presente e entrar no coração do outro. Frequentemente nos surpreendemos virtualmente ligados, mas presencialmente afastados.

O pensar fragmentado impossibilita a percepção e a experiência de sermos um com o universo e a unidade é inerente à essência de nosso ser.

Educar-nos para a alteridade é educar-nos para a percepção e a sensibilidade. Nesse processo, não basta aceitar as diferenças e particularidades. É necessário descobrir a presença do outro, dar-lhe espaço em nosso mundo e integrá-lo à nossa experiência para que sejamos enriquecidos com a multiplicidade do universo de outras experiências.

A interação com o outro, a atitude de colocar-se em seu lugar em situações de conflito, educa-nos para a sensibilidade e a gentileza – tão escassas, nas relações, e capacita-nos a gerenciar as situações de impasse que emergem da convivência.

A adulez na alteridade modifica contatos e relações. Imprimi-lhes valor e dá-lhes o toque do humano. Volta-nos para a descoberta do quanto é bom sermos construtores de uma história que deixaremos como herança para a posteridade.

A alteridade como atitude de presença ao outro desfoca-nos do egocentrismo e desvia nosso olhar para o mundo surpreendente e maravilhoso daqueles que perfazem o caminho conosco e com os quais intercambiamos experiências inesquecíveis.

Quanto mais crescermos na alteridade, mais cuidaremos da vida e da saúde de nossas relações. O cansaço da rotina tenderá a desaparecer porque um novo horizonte nos tornará atentos aos detalhes e nos ajudará a inovar a textura da teia que nos une como pessoas nascidas na fonte do mesmo amor. Daquele que nos gerou para sermos as primícias de sua Criação.

Índice

04 - A escola como lugar de promoção do pensamento crítico e da alteridade.

06 - **Entrevista 1 - DULCE MAGALHÃES**

Preparar-se para receber o outro.

07 - Painel - O autoconhecimento nas relações.

09 - Alteridade: Um caminho de descobertas.

10 - Eu e o outro.

11 - Alteridade como expressão da ética.

12 - **Entrevista 2 - KATIA BIEHL**

Alteridade para o mercado de trabalho.

14 - Painel - Preparar-se para a escolha.

15 - Alteridade no mercado de trabalho.

16 - Alteridade e religião.

17 - A dimensão pedagógica e a Alteridade.

18 - Capa - Alteridade.

20 - **Entrevista 3 - JOÃO PEDRO RORIZ**

Bullying à luz da Alteridade.

22 - Painel - Cuidar do outro é prevenção.

23 - ...E na Rede?

24 - **FREI BETTO** - Alteridade.

25 - **MAURÍCIO PERONDI** - O grupo é o lugar de felicidade do jovem.

26 - **PE. GERSON GONÇALVES** - Caminhos para a Alteridade.

28 - Relação: Real X Virtual.

29 - Mais convivência, menos internet.
- Amizade.

30 - Pare o extermínio juvenil.

31 - É preciso compartilhar a Alteridade.

ENCARTE - Escolas ND

33 - Curtas - Notícias da Rede.



A ESCOLA COMO LUGAR DE PROMOÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO E DA ALTERIDADE

Leandro Luiz Schneider / Professor de Filosofia / Santa Teresinha

A escola ocupa um lugar de relevância no que tange à compreensão de educação sistemática, pois como orienta o sociólogo Pêrsio Santos de Oliveira, "a instrução formal é uma modalidade organizada, metódica e seletiva de educação, já que, diante das características da cultura de cada sociedade, seus promotores selecionam os aspectos que consideram essenciais ou mais necessários para serem transmitidos".

Imbuída, desse legado, a escola além de um lugar de convívio e encontro torna-se um lugar de inspiração. A escola funciona como uma mola propulsora que nos arremessa para lugares e conhecimentos nunca visitados. Abre-nos horizontes.

Contudo, toda essa inspiração e motivação faz com que nos debrucemos no valor do conhecimento. Conhecer, sobretudo, não significa poder de informação, mas poder de reflexão. Nesse contexto, a mola propulsora supracitada refere-se à construção do pensamento crítico. Nesse sentido, corroboramos a ideia de que: "A escola tem uma função tradicionalmente socializadora vinculada ao objetivo de difusão dos conhecimentos sistematizados pela humanidade. Essa socialização tradicional pressupõe o ato de adaptação e varia a partir das práticas sociais".

A escola, nesse sentido ampara o indivíduo como lugar da alteridade. Se o que evocamos aqui é o pensamento crítico jamais poderemos dissociar a história do indivíduo em contraste com a história da educação. Até porque a história da educação é construída pelos indivíduos. Ou como afirmam alguns teóricos do assunto: "A escola é também lugar de sociabilidades, entendidas como processos relativos às interações grupais que se estabelecem por opção individual e que tem a ludicidade como aspecto importante".

Além disso, para gerar e gerir a construção do pensamento crítico a escola precisa desempenhar entre os indivíduos o papel de integradora dos saberes.

Cada indivíduo, no entanto, engendra pela sua percepção a realidade. Realidade essa que não é absoluta é apenas um ponto de vista.

Sendo assim, a construção do pensamento crítico está amparada pelo processo de alteridade. Em outras palavras o conhecimento se comprova ou se enriquece a partir dos encontros que teremos na vida.

A alteridade como prática pedagógica

No início deste ano, caminhando pela escola, mais uma vez busquei reinventar os espaços. Busquei nos lugares uma nova maneira das pessoas se relacionarem. Em cada sala de aula percebia que os indivíduos eram recepcionados de uma maneira tradicional. O "bem-vindos" que estampava as portas e os corredores precisava ser verdade nas atitudes das pessoas. Desse modo, "receber" uma pessoa é recebê-la na sua totalidade. Apropriar-se de toda diversidade que cada pessoa pode proporcionar.

Caminhando pela escola, entendi que no encontro com as outras pessoas o ser humano se humaniza. Quando nos deparamos com as várias facetas da diversidade (religiosa, racial, econômica, social, étnica, etc), e nos deixamos atingir por elas, abrimos para nós e para os outros a possibilidade da alteridade.

Não obstante, observando o movimento dos alunos, a realidade escolar nem sempre compreende esta dinâmica. Nem sempre as realidades intrínsecas do ambiente escolar refletem a acolhida que mencionamos no início deste texto. A diversidade, em alguns contextos da escola, não é devidamente valorizada. Por exemplo, quando o que “eu sou” não é bem-vindo, porque não é igual ao que os outros são.

A diversidade, no entanto, revela a necessidade do diálogo e do encontro. Respectivamente, entendo que a escola é o lugar do diálogo e do encontro. Sendo assim, a escola é o lugar da diversidade. Não obstante, esses contrastes, entendemos a escola como o lugar das relações por excelência. O lugar da diversidade. No entanto, entendo que essas relações nem sempre são muito fáceis, pois a diversidade cultural de gênero, social, econômica e racial criam maneiras diversas de olharmos o mundo. E são esses olhares diversos que formam a diversidade escolar.

Quando nos deparamos com alunos que sempre foram discriminados pela sua cor e escutamos o tamanho da sua dor, nos deparamos não só com um problema social, mas um problema histórico. Isto é, nem mesmo em nossos tempos que temos acesso a todo tipo de informação somos capazes de verificar o valor na cultura do outro, e o valor que essa cultura dispensa quando em contato com outra (a nossa) cultura.

Entendemos que a escola é o lugar da humanização porque justamente abarca em sua realidade todas as realidades supracitadas. O indivíduo nesse processo humanizante/humanizador não pode ficar obscuro. As suas diferenças necessariamente fazem parte do processo educativo.

Caminhando pela escola mais uma vez, conversando com os alunos, perguntando sobre os seus sonhos e dores, entendemos que no encontro com as outras pessoas o ser humano se humaniza.

A alteridade é ser para o outro. Ser para o outro é ser você autenticamente.

Em outras palavras, a alteridade é o encontro da pluralidade com a possibilidade do indivíduo ser. “É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença.

Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem”.

Alteridade, entre outras palavras significa generosidade. Generosidade de ressignificar os nossos preconceitos e aceitar o outro como ele é. Generosidade significa não abrir as portas somente de nossas instituições públicas ou privadas, mas abrir o nosso coração para assumir que a presença do outro nos desafia. Que a presença do outro enriquece a nossa própria história, a nossa vida.

Ontologicamente, a alteridade é a busca do encontro com o outro e consigo mesmo. O outro nesta relação é o auxiliador do indivíduo na busca e do encontro de si mesmo.

A alteridade é também característica da caridade. Mesmo no ambiente escolar, que por vezes cercado por disputas ignora as diferenças e as necessidades alheias. No entanto, quando percebemos que o outro é diferente de mim abandonaremos a defensiva e não compreenderemos o outro como oponente, mas como caminhante que trilha o mesmo caminho.

Nesta perspectiva o amor é quem conduzirá as nossas relações. O amor fraterno que alimentará as nossas práticas pedagógicas, o amor orientará as nossas relações dentro e fora da sala de aula, com nossos mestres e nossos colegas.

O amor se traduzirá no respeito e na consideração. No respeito pelo que o outro carrega como história pessoal. E consideração pelo esforço que faz para conviver com os outros, embora as nuances da constituição de sua diversidade.

Ortega Y. Gasset afirma que “eu sou eu e as minhas contingências”. O outro ou eu, somos nós mesmos e as nossas contradições, decepções, alegrias, sofrimentos. Somos nós mesmos e as nossas diferenças. Só nesse processo de amor, de recepção do outro é que construiremos o legítimo processo de alteridade.

A escola é, no entanto, esse lugar de momento único de alteridade. Insofismavelmente, é um momento mais que propício para descobrirmos e respeitarmos as diferenças.

Por fim, a escola deve ser o lugar de encontros consonantais, mas as diferenças nem sempre são bem vistas, nem bem vindas. Não obstante, acreditamos que as pessoas devem valer mais que as suas aparências.

Ser para o outro é nosso maior desafio.

A sala de aula é o local da diversidade racial e cultural, que agrega e torna o conhecimento compartilhado.

Mônica Cargnin / Professora
Escola Maria Rainha

É preciso lançar um olhar interior a partir das diferenças, reconhecendo o outro.

Lediane Ramires Nickel / Professora
Escola Estrela do Mar

DULCE MAGALHÃES

responde sobre
preparar-se para
receber o outro

A Paz como Caminho



Dulce Magalhães nos fala com autoridade sobre a importância de cuidarmos de nós mesmos para poder acolher o outro. O que tem sido muito comum na correria dos dias é perdermos o contato com essa sabedoria perene e deixarmos de fora de nossa vida muita coisa importante. “Tem gente que está plantando, plantando, plantando, sem nunca parar para colher. Se não tem tempo para desfrutar, então qual o significado para tanto trabalho? Tem gente que quer colher antes de plantar e se vê frustrado por não conseguir alcançar o suficiente daquilo que precisa. E ainda tem gente querendo colher antes do tempo, desperdiçando oportunidades e perdendo valiosos relacionamentos por falta de percepção.

É fundamental saber qual o compromisso do instante. Para isso é preciso reflexão sobre valores, propósitos, preparação, ação e resultados. Cada um desses itens vai organizar a trilha para uma caminhada mais tranquila, com um estado de consciência mais desperto e, portanto, com a coerência básica necessária entre o que queremos, pensamos e vivemos. O tempo melhor aproveitado é aquele que reflete nossos propósitos e intenções do momento. Assim, reconhecer que estamos fazendo algo diferente do que desejamos é entender onde está o maior desperdício, o tempo mal aproveitado. Um mergulho nos processos decisórios pode nos tirar da confusão e permitir uma revisão sistêmica da forma como estamos operando a vida”.

ENFOQUE - Seu artigo “Guardiões do Farol” fala sobre habitar a torre de orientação e servir de guia para que os outros não percam ou vivam percalços evitáveis. Como é possível educar os jovens com uma visão mais humana, voltada para o outro?

DULCE MAGALHÃES - É preciso desenvolver uma educação para o auto conhecimento. Essa é a melhor forma de aprimorar nossas qualidades e aparar as arestas dos conflitos. Tudo que precisamos aprender é sobre nós mesmos, o restante é informação que pode ser obtida através de consulta e pesquisa.

E - “Maturidade não é algo que se transfere, é algo que se constrói”. Suas palavras falam em criar espaço para que o outro viva suas experiências. Como acontece esse processo entre o professor e o aluno dentro da escola?

DM - Se compreender que educar tem mais a ver com escuta do que com transferência de saberes, poderemos criar os laços necessários para promover um verdadeiro encontro entre professor e aluno. Maturidade é o exercício de observar e aprender e isso exige treino e pode ser alcançado através do exemplo de professores que, de fato, enxergam seus alunos.

E - “Estar ao lado, saber percorrer o caminho sustentando o caminhante, sem querer caminhar no lugar dele”. Como a escola pode contribuir com a família nessa tarefa?

DM - A família precisa ser convidada a participar da construção dos saberes e cada membro também percorrer a seara do auto conhecimento. A escola pode servir de ponte e berço para novas experiências de encontro entre pais e filhos, através de atividades cooperativas lúdicas e artísticas e promover uma integração, tão necessária para a realização dos afetos.

E- Você concorda que a alteridade está passando despercebida pelas gerações jovens. Por quê?

DM - Depende, há muitas tribos de jovens e muitas possibilidades, não é possível generalizar. Visito escolas em que os jovens parecem alienados e desequilibrados e também conheço grupos de jovens que estão organizados, promovendo eventos e contagiando pessoas para uma mudança positiva de mundo. A alteridade, o respeito ao diferente, a aceitação da diversidade varia dependendo da matriz cultural do grupo.

E- Que outros comentários poderia deixar para nossos alunos sobre a alteridade?

Creio que podemos pensar na sabedoria da natureza, se cada um é singular e todos estamos aqui é porque todos são necessários para o progresso coletivo. Nunca há desperdício na natureza.

Sobre Dulce Magalhães

Filósofa, Educadora, Pesquisadora, Escritora e Palestrante.

Dulce Magalhães Ph. D. em Filosofia com foco em Planejamento de Carreira pela Universidade Columbia (USA), Mestre em Comunicação Empresarial pela Universidade de Londres (Inglaterra), Pós Graduada em Marketing pela ESPM-SP, Especialização em Educação de Adultos pelas Universidades de Roma (Itália) e Oxford (Inglaterra), Representante Brasileira no Seminário de Cultura e Comunicação da Unesco - USA.

Autora dos Livros: O Foco Define a Sorte, Manual da Disciplina para Indisciplinados, Superdicas para administrar o Tempo e Aproveitar Melhor a Vida, Mensageiro do Vento – Uma Viagem pela Mudança. Co-autora dos livros: Superdicas para ensinar a Aprender, Pensamento Estratégico para Líderes de Hoje e Amanhã, Tempo de Convergir, Manual de T&D, A Paz como Caminho e Le Sacré Aujord'hui, publicado na França em 2003. Eleita umas das 100 Lideranças da Paz no Mundo pela Geneve for Peace Foundation. Recebeu o título de Embaixadora da Paz pelo Programa Milênios de Paz no senado Argentino. Integra o comitê de 80 Lideranças da Paz coordenado pelo ex-presidente Bill Clinton para a elaboração de um Programa Global de Cultura de Paz.

PAINEL

O AUTOCONHECIMENTO NAS RELAÇÕES

por Márcia Elisa B. Ribeiro e Patrícia Dal Farra / SOE / Colégio Maria Auxiliadora

Todo relacionamento é um reflexo e uma expressão do relacionamento conosco mesmos. Relacionamo-nos como somos.

Para sabermos como somos, devemos nos conhecer.

Conhecermo-nos é uma habilidade que pode ser desenvolvida através da observação na vida diária.

Voltar a atenção para o nosso interior leva-nos a conhecer os padrões de nossos pensamentos, nossas ações que são os meios de alcançarmos ou não alcançar nossos objetivos e o significado de nossa vida.

Mudar os nossos padrões estruturados é uma das habilidades mais difíceis. Mas, pela auto-observação podemos perceber os sentimentos aprisionados dentro de nós como: o amor, a raiva, a alegria, a tristeza, o indiferentismo, etc...

Perguntemo-nos muitas vezes:

- O que estou sentindo?
- O que estou pensando?
- Como estou agindo?

Assim desenvolveremos uma presença de espírito capaz de observar nossos relacionamentos e criar novas atitudes.

A busca do autoconhecimento é muito pessoal. Não podemos nos basear no que os outros pensam de nós ou como nos veem.

Na busca do autoconhecimento, o auto incentivo é muito importante. Saberemos como somos, onde estamos, aceitando-nos e procurando nos tornar pessoas saudáveis e felizes, passando a apreciar e aceitar os outros também. Teremos mais cuidado e compaixão. Aprenderemos a entender o significado da vida do outro, mais cuidado nas nossas relações e, nossos sentimentos positivos crescerão e se irradiarão. Seremos pessoas com elevada qualidade de vida.

Para refletir:

1. Eu me conheço?
2. Gosto de mim como sou?
3. Baseio-me no que os outros falam ou pensam de mim?
4. Conheço minhas qualidades e as aprecio?
5. Costumo auto incentivar-me?

O grande segredo de tratar com as pessoas

Existe apenas um meio de conseguir que alguém faça algo: esse meio é conseguir que a outra pessoa queira fazer. Lembre-se: Não existe outro caminho.

Que quer você? Não muitas coisas, mas as poucas coisas que você deseja apresentam-se com uma insistência que não poderá ser negada. Quase todo adulto normal deseja:

- Saúde e preservação da vida
- Alimento
- Repouso
- Dinheiro e as coisas que o dinheiro pode proporcionar
- Vida futura
- Satisfação sexual
- O bem-estar dos filhos
- Uma sensação de importância

Jonh Dewey, filósofo, diz que a mais profunda das solicitações na natureza humana é "o desejo de ser importante". O desejo de sentir-se importante faz você querer usar roupas da moda, dirigir os últimos carros e falar sobre seus inteligentes feitos. Foi o desejo de sentir-se importante que motivou muitas pessoas de sucesso a se destacarem na vida tanto por atitudes coerentes como até mesmo por crimes e assassinatos.

Se muitas pessoas vivem tão desejosas de consideração, que chegam a se tornar desequilibradas mentalmente para conseguir o seu intento, imagine que milagres podemos realizar dando às pessoas uma apreciação honesta deste aspecto da insanidade.

Um homem de negócios quando questionado sobre a razão de receber um salário tão elevado diz: "Acredito que seja por minha habilidade em tratar com as pessoas. Despertar o entusiasmo entre as pessoas é a maior força que possuo, e o meio mais eficiente para desenvolver o que de melhor há em um homem é a apreciação e o encorajamento".

Conhecendo o valor da apreciação e confiança deveríamos aprender a praticá-los, pois um elogio sincero pode mudar a vida de uma pessoa.

Mas há diferença entre o elogio e a bajulação. É simples. Um é sincero e a outra é falsa. Um vem do coração; a outra da boca para fora. Um é altruísta; a outra é egoísta.

Uma das virtudes mais negligenciadas no nosso dia-a-dia é a valorização. Às vezes, por algum motivo, descuidamos de fazer um elogio para a nossa mãe sobre a comida servida, ou para o nosso pai que obteve um reconhecimento no trabalho.

Da próxima vez que você gostar de alguma atitude de um colega, professor ou coordenador, expresse-a, não se esqueça de mencioná-la.

Nas nossas relações interpessoais devemos nos lembrar de que nossos companheiros são seres humanos e que, como tais, desejam ouvir uma palavra que os valorize.

Magoar as pessoas além de não modificá-la, jamais as desperta para suas atividades. Seja "sincero na sua aprovação e pródigo no seu elogio" e as pessoas prezarão suas palavras, guardando-as e repetindo-as durante toda a vida, repetindo-as anos depois quando você já as tiver esquecido.

10 dicas para facilitar a prática da gentileza

1. Tente se colocar no lugar do outro. Isso ajuda a entender melhor as pessoas, seu modo de pensar e agir.
2. Aprenda a escutar. Ouvir é muito importante para solucionar qualquer desavença ou problema.
3. Pratique a arte da paciência. Evite julgamentos e ações precipitadas.
4. Peça desculpas. Isso pode prevenir a violência e salvar relacionamentos.
5. Pense positivo. Procure valorizar o que a situação e o outro têm de bom e perceba que esse hábito pode promover verdadeiros milagres.
6. Respeite as pessoas quando elas pensarem e agirem de modo diferente de você. As diferenças são uma verdadeira riqueza para todos.
7. Seja solidário e companheiro. Demonstre interesse pelo outro, por seus sentimentos e por sua realidade de vida.
8. Analise a situação. Alcançar soluções pacíficas depende de se descobrir a raiz do problema.
9. Faça justiça. Esforce-se para compreender as diferenças, e não para ganhar como se eventuais desavenças fossem jogos ou guerras.
10. Mude sua maneira de ver os conflitos. A gentileza nos mostra que o conflito pode ter resultados positivos e ainda tornar a convivência mais confiável.

ALTERIDADE: UM CAMINHO DE DESCOBERTAS

por Vagner Paulo Maccalli / Professor de Filosofia / Rede Notre Dame

A influência das novas tecnologias tem promovido nos dias atuais a aproximação entre as pessoas, a facilidade da comunicação e a integração de comunidades, culturas e povos. Tudo isso vem ao encontro a uma das potencialidades da espécie humana: a sociabilidade. Todo homem e toda mulher, de todos os tempos e lugares, necessita primordialmente para seu desenvolvimento do contato e da interação com o seu semelhante. Isso só reforça o que já dizia Aristóteles: "o homem é um ser social". Ou dito de outra forma: eu, você, todos nós somente nos desenvolvemos como pessoas enquanto estivermos frente a frente com os outros.

Embora todas as facilidades para a convivência oferecidas por meios como a internet, facebook, twitter, instagram, smartphones etc., isso não significa que a sociedade atual esteja mais solidária, comprometida e altruísta. Aliás, a marca dos nossos dias é mesmo o individualismo, a preocupação primeira com interesses pessoais, como atestam muitos pensadores da atualidade (Baumman, por exemplo). E qual seria o remédio para sanar isso?

Emmanuel Lévinas, filósofo judeu do século passado, que viveu no período das duas grandes guerras mundiais, deu ênfase a um termo que ficou sendo a marca registrada do seu pensamento: a alteridade. Do latim, alter, quer dizer outro. Alteridade tem a ver com relações, convivência, relacionamento. Num dos períodos mais trágicos da recente história da humanidade, esse pensador fez refletir que a imposição do eu sobre o outro foi a causadora das maiores brutalidades de que o mundo conheceu. A sua proposta vai justamente no sentido contrário: não da imposição do eu, mas do respeito com o outro; não da afirmação do eu, mas da descoberta do outro; não do confronto, mas da relação; não do egoísmo, mas da responsabilidade com o outro.

Quando se fala em alteridade, fala-se de algo que está ao alcance de todos e em todos os momentos da vida. Fala-se de uma das necessidades mais básicas da pessoa. Por exemplo, a criança recém-nascida precisa de um outro para sobreviver; precisa de um outro para alimentar-se; precisa de alguém que esteja em relação constante com ela; precisa de alguém que lhe dê segurança, que esteja por perto para satisfazer em todos os níveis seus desejos e necessidades. Essa presença, dizem os especialistas, vai ser decisiva, não só para seu desenvolvimento físico, mas também e para a formação da sua personalidade, para o seu sadio crescimento e para o desenvolvimento das suas potencialidades. Isto é tanto verdade que a maioria dos traumas e conflitos que todos nós carregamos tem origem na infância: na carência ou no excesso do afeto.

Conviver com um outro é necessidade, mas é também tarefa, por vezes árdua. Todos sabemos o quanto é difícil estar constantemente em sintonia, em harmonia com as pessoas que estão a nossa volta. Seja na família, na escola, no trabalho, nas comunidades em geral, na sociedade como um todo, os conflitos, os problemas, as discussões são realidades presentes. Talvez por isso alguns busquem ignorar o fato de que necessitam dos outros e procurem o isolamento. O resultado disso não tem se mostrado de forma alguma promissor, tanto que a doença do século XXI, profetizam os entendidos, será – e já o estamos verificando – a depressão. Ao contrário, quem se esforça e se dedica à convivência, mesmo enfrentando situações difíceis, é quem encontra o sentido de estar com os outros. Isto é, este vai descobrindo que a alteridade o desafia a buscar sempre o crescimento, o aperfeiçoamento das próprias qualidades e características. Este vai descobrindo cotidianamente que não é somente o outro que está errado, que precisa mudar, mas ao contrário, percebe-se como sujeito de equívocos e enganos. Espelhando-se no outro, eu posso ver o quanto preciso mudar, crescer, desenvolver-me para ser mais pessoa.

O construir-se como pessoa está ligado inevitavelmente ao outro. A qualidade das minhas relações vai definir o nível de pessoa que sou e posso ser.

Além disso, não há nada de mais precioso do que descobrir um outro com quem posso ser eu mesmo, ou como já dizia o Eclesiástico, "amigo fiel é proteção poderosa, e quem o encontrar terá encontrado um tesouro" (6,14). A amizade autêntica não é só necessidade, é também tarefa, mas é acima de tudo compromisso, responsabilidade. É famosa a expressão do Pequeno Príncipe: "tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas". A relação com um outro carrega em si o reconhecimento de uma responsabilidade, de um compromisso, de um empenho. Eu preciso deixar que o outro seja na sua totalidade. Eu preciso deixar que o outro seja diferente.

Disto tudo, pode-se concluir que a alteridade exige, impõem o respeito. Mais do que isso, a alteridade ensina o caminho da descoberta. Da descoberta do outro. Da descoberta de um outro que é diferente do eu, e que precisa ser respeitado, acolhido nessa diferença. Todavia, o mais bonito dessa história é que essa descoberta é recíproca, ou seja, quanto mais eu descubro o outro, mais descubro a mim mesmo. O outro funciona como espelho do eu. Por isso, arrisco dizer que o remédio para tantos problemas da sociedade atual está justamente nas relações.

Qualificar as relações significa qualificar a nossa vida de maneira geral.



...em seu cotidiano
há obstáculos
e desafios a serem vencidos.

EU E O OUTRO..

por Maria Helena de Souza Barbosa / Professora da Educação Infantil / Escola Sagrado Coração de Jesus.

Alteridade é a capacidade de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal.

Um dos princípios fundamentais da alteridade é que o homem na sua vertente social tem uma relação de interação e dependência com o outro. Por esse motivo, o "eu" na sua forma individual só pode existir através de um contato com o "outro".

Quando é possível verificar a alteridade, uma cultura não tem como objetivo a extinção de outra. Isto porque a alteridade implica que um indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e valorização das diferenças existentes.

Quando você se relaciona com outras pessoas ou grupos é preciso conhecer a diferença, compreender a diferença e aprender com a diferença, respeitando o indivíduo como ser humano psicossocial.

A constituição do mundo moderno, ou como preferem alguns teóricos, pós-modernos, no qual a globalização apresenta para a sociedade uma convivência nem sempre pacífica entre os grupos, faz da alteridade palavra-chave. Desse modo a escola torna-se uma das instituições mediadoras desses conflitos, aprofundando a ideia da diferença dentro e fora do âmbito escolar. Contudo, em seu cotidiano há obstáculos e desafios a serem vencidos, pois quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais mais conflitos ocorrem.

Alteridade seria, portanto, a capacidade de conviver com o diferente, de se proporcionar um olhar interior a partir das diferenças. Significa que eu reconheça o "outro" também como sujeito de iguais direitos. É exatamente essa constatação das diferenças que gera a alteridade. Na vida em comunidade temos conflitos, mas como diz o Salmista que "é bom os amigos habitarem todos juntos" (SI 133,1). Temos que saber que não existe possibilidade de vida comunitária feliz sem o reconhecimento do outro.

A prática da alteridade condiz da diferença a soma nas relações interpessoais entre os seres humanos revestidos de cidadania.

Pela relação alteritária é possível exercer a cidadania e estabelecer uma relação pacífica e construtiva com os diferentes, na medida em que se identifique, entenda e aprenda a aprender com o outro.

Só existe generosidade na medida em que percebo o outro como outro e a diferença do outro em relação a mim. Então sou capaz de entrar em relação com ele pela única via possível – porque, se tirar essa via caio no "colonialismo", vou querer ser como ele ou que ele seja como sou.

A via mais curta da comunicação humana é o diálogo e a capacidade de entender o outro a partir da sua experiência de vida e da sua interioridade.

O professor precisa antes de tudo, alcançar o coração do seu aluno e proporcionar um ambiente saudável para o seu contato com os outros.

Cristina dos Santos Kern / Professora
Escola N. Sra. Estrela do Mar

ÉTICA

ALTERIDADE COMO EXPRESSÃO DA ÉTICA

por Sérgio Stringhini / Rede Notre Dame

A partir do momento em que a humanidade se defronta com a sua própria situação, surge o desafio de lhe dar uma fundamentação teórica para explicar, compreender e aprofundar um fato, um sentimento, uma situação social. Na temporalidade vão surgindo fenômenos que a pessoa necessita dar uma explicação. Assim, acontece com a evolução do pensamento filosófico contemporâneo que se debruça sobre as relações interpessoais a partir das experiências contemporâneas. A partir de uma experiência, ou de um entendimento produz-se uma reflexão e esta começa a ganhar força no momento que encontra pessoas que refletem sobre a mesma ou a coloca em questionamento.

Aqui, num breve relato queremos trazer a reflexão sobre a Alteridade em Emanuel Levinas. Nasceu em 1912 na Lituânia, filho de uma família judia, migraram para França e ali tornaram-se cidadãos franceses. Com a segunda guerra mundial serviu o exército francês e numa batalha ficou prisioneiro nos campos de concentração na Alemanha realizando trabalhos forçados. Pela sua experiência vivida no campo de concentração, sendo vigiado o tempo inteiro, sentiu na pele o estrago da dominação.

Após a guerra dedica-se ao estudo do pensamento filosófico e descobre que a Ética é a filosofia primeira, ou seja, por ela passa tudo o que rege a vida humana. No face a face humano que dá o sentido da realidade. É no encontro com o outro que me revelo como pessoa e percebo na minha totalidade que sou finito e infinito. Neste encontro relacional torno-me ciente da minha condição de pessoa de valores, de fraquezas, de congruências e de limitações.

A alteridade não nega o mundo atual da comunicação de massa, da nanotecnologia, das experiências ou do conhecimento, mas coloca como foco o outro. O que rege a minha relação com o outro é a condição ética. Entenda-se como sujeito ético o eu que responde ao outro na forma de responsabilidade. Mas, para chegar ao outro é preciso uma auto-afirmação do eu, ou seja, somente serei capaz de compreender o outro quando for capaz de trilhar o caminho do conhecimento da própria interioridade. Devemos salientar que a pura interioridade não leva a nada como ao intimismo e ao vazio. Na compreensão de Levinas, imagina um eu puro, portanto, que se conheça profundamente, que se define como um ser essencialmente vivente, que viva com prazer. Somente assim, será capaz de conhecer o outro. O respeito e a reciprocidade são possíveis, a partir da construção da afirmação da distância, ou seja, que a pessoa seja ela mesma e a semelhança dela mesma com o outro. Profundo respeito a diferença. Esse é o mais difícil da alteridade. Pois, existe o lado perverso que é o de submeter o outro como na lógica do patrão-escravo. Às vezes acontece de modo muito velado, ou seja, quando uma pessoa submete a outra, ou a julga incapaz de realizar algo. Exerço sobre ela uma força de possuir e de dominação. Comum em quem tem funções em que denota poder. Enquanto isso acontecer, não haverá a revelação do outro e menos ainda uma relação ética.

A afetividade, a sensibilidade e a ética são maneiras de demonstrar amor e carinho e motivá-los a respeitar regras e valores com seus colegas e perante a sociedade.

Liliana Miritz Vasconcelos / Prof. Ed. Infantil
Escola N. Sra. Estrela do Mar

O outro, em muito, foge da fenomenologia do olhar. Ou seja, olhar o outro a partir da visão que tenho, o submeto ao meu juízo. Assim reduz o outro a um mero ente. Para Levinas, o outro me revela. Aqui novamente vem à tona a dimensão ética. Ela se dinamiza em três dimensões. A primeira, se concretiza na dimensão do eu. A segunda, relaciona-se na dimensão do outro e a terceira na dimensão de outrem. Aqui é onde entra a pessoa como um ser solidário, e, portanto, a Ética é o lugar da hospitalidade. Por isso, se tenho um compromisso ético com o outro acontece o verdadeiro respeito e me envolvo com o outro. Não importa a raça, cor, condição social. Nessa compreensão, rumando para a questão política ela sempre deve partir do pressuposto ético, portanto, de profunda responsabilidade com o outrem, nesse caso com toda a sociedade. Como se pode materializar a questão ética, segundo Levinas? É ajudar o outro necessitado, fragilizado. Aqui não importa quem. A alteridade é um pressuposto para quebrar a subjetividade egocêntrica presente nas pessoas nos dias atuais. O sentido verdadeiro do ser humano é ser ético.



KATIA BIEHL

responde sobre
Alteridade
para o mercado
de trabalho



Melhorar a qualidade exige uma mudança de cultura. Não basta um programa ou um entusiasmo. É necessário que se trabalhe a cada dia. A qualidade é provocada pela prevenção e não pela avaliação. O novo cenário demanda mudanças das crenças e valores que permeiam a cultura organizacional e demandam, mais do que nunca, colaboradores comprometidos que se identifiquem com os objetivos organizacionais e que atuem na empresa de forma conjunta, considerando a cada dia o seu próximo como parceiro de equipe. Considerar o outro e suas diferenças enriquece o ambiente de trabalho.

ENFOQUE - Percebemos que as empresas estão cada vez mais focadas na seleção de profissionais qualificados para trabalhar em equipes. Pensando no futuro profissional de nossos alunos, você acredita que jovens educados à luz da Alteridade podem fazer a diferença no mercado de trabalho? Por quê?

KATIA BIEHL - Sim, farão a diferença não só no mercado de trabalho, como também no mundo emergente, pois vivemos em uma sociedade sem fronteiras, na qual as diferenças existem e se manifestam não só pelas conjunturas econômicas, mas, sobretudo, apresentam-se e prospectam-se pelas diferentes questões culturais. Sendo assim, os profissionais que consigam ser cosmopolitas, transitando e interagindo com outros indivíduos baseados no princípio de que a alteridade existe, e que a interdependência é um valor a ser respeitado e aquilatado a partir da empatia, da capacidade de se posicionar a partir do olhar do outro, ampliaremos nossa visão existencial, não só como seres humanizados, o que já seria o suficiente, mas especialmente como seres desenvolvidos, capazes de enxergar além das obviedades, das materialidades, das pequenas neuroses individualistas que nos encapsulam em egoísmos e egocentrismos.

E - Como a escola pode colaborar para a formação de jovens qualificados em conviver melhor com o seu próximo?

KB - A escola ensaia há muito tempo formas de melhorar os relacionamentos, os trabalhos em equipe prosperam em planos pedagógicos, produzindo jogos, brincadeiras, projetos solidários e trabalhos em grupos, todavia, estes são insuficientes. Esbarram em uma aprendizagem simplista, em que o aprender termina no conhecimento, no exercício encerrado em si próprio. É essencial, nesse caso, mergulhar na experiência didático-pedagógica como já fizemos, e em um segundo momento vivenciar a Andragogia, ou seja, a partir da convivência com os exercícios atitudinais passar a explorar a alteridade por vias da elaboração, onde o sujeito examina, reflete, dialoga com as situações e aprende primeiramente a aprofundar os entendimentos em conjunto, para posteriormente fazê-lo individualmente, como parte da relação de convivência com seu ambiente. Com isso, saímos do primitivismo de olhar a realidade simplesmente como ela é, e passamos a ver e entender o que é nosso nessa lógica de compreensão. Nesse sentido, gosto de uma frase do Talmude que resume esse entendimento: "não vemos o mundo como ele é, mas sim como nós somos". Qualificar os jovens com a competência da alteridade é, na verdade, fazê-lo perceber que o mundo é feito de lógicas diversas, e que o simples desejo de mudança não é

suficiente, tampouco a ação de mudança, mas sim a construção coletiva da mudança, ajustada a realidades específicas, e nesse sentido há que se pensar na inexistência de tamanho único para uma coletividade.

A neurociência aponta que nossa capacidade de enxergar a médio e longo prazo é desenvolvida a partir das experiências vividas com nossos familiares, em seguida, com as experiências vividas na escola, visto que o lóbulo pré-frontal, onde se dá estas cognições estratégicas, se mantém em estado primitivo quando não encontra espaços qualificados de aprendizagem nos moldes retratados acima. É preciso trabalhar a reflexão, a elaboração que nos tira deste estágio primário, com o custo altíssimo de, ao contrário, termos uma sociedade robotizada que consegue resolver somente problemas cartesianos, limitados na capacidade do Ser Humano. Desse modo, o perigo é criarmos uma sociedade dicotômica, do sim e do não, do gosto e não gosto, do quero e não quero, caminho certo da barbárie, das resoluções fáceis e egocentradas. A escola precisa contribuir com essa humanização, complementando as deficiências oriundas da socialização e humanização deficitária de seus alunos.

'Não vemos o mundo
como ele é,
mas sim,
como nós somos'.

E - Sabemos que os profissionais de RH precisam ir além dos aspectos humanos. Têm de pensar de forma estratégica para conseguir propor soluções que gerem vantagens competitivas e apoiem os funcionários a atingir suas metas. É possível motivar os alunos a orientar-se por metas comuns dentro da escola? Como?

KB - Sem dúvida é possível motivar os alunos por metas comuns, nesse sentido, sou altamente incentivadora dos planejamentos estratégicos individuais, em que observamos os pontos fortes e fracos de cada indivíduo, podendo trabalhá-los especificamente com enfoque em desenvolvimento de competências individuais, e coletivamente, com enfoque na integralidade, na qual em projetos conjuntos, são trabalhadas competências diversas. Há um filme chamado "Um Sonho Possível", baseado em uma história real, em que o personagem principal tem grande dificuldade de aprendizagem. No entanto, ele tem uma competência inata, denominada de instinto protetor, e esta característica é seu diferencial competitivo. Ela poderia ser o mote para, em coletividade, esse sujeito desenvolver suas outras competências mais frágeis, pois ele se dá bem em grupo, assim, colocando-o em gincanas de aprendizagem ou, em trabalhos de grupo, podemos fazê-lo aprender temas que tem dificuldade, a gincana poderia ser cultural, poderia ser de aprendizagem de matemática, ou tendo qualquer objetivo que faça o grupo crescer qualitativamente. Experenciando as atividades que levem ao conhecimento nas demandas individuais, ele também estaria contribuindo para o grupo com seu diferencial competitivo, pois ensinaria seu modo de convivência em grupo, e o grupo, seu conhecimento em disciplinas específicas, todos tendo a ganhar e a aprender com esta vivência em conjunto. Nesse sentido, temos que observar que essa estratégia não visa estimular a competição, de maneira alguma, mas a qualificação. Ou seja, o interessante não é colocar um grupo contra o outro, mas todos a favor de um resultado, ou seja, quando atingirem a meta todos ganham, um exemplo seria: fazer um plebiscito sobre mudanças na escola, estimulando o grupo a pensar em quais melhorias seriam prioritárias na organização do ambiente. Se o grupo atingir o resultado, ou seja, se após a gincana a média em matemática passasse a ser oito, a construção da piscina olímpica viraria prioridade, ou ganhariam a sexta-feira livre no meio do feriadão. Isso pode ocorrer almejando projetos sociais também, viagens, coisas assim, que interessem a todos.

E - Dentro do tema ALTERIDADE, qual seria o aspecto mais importante para o mercado de trabalho?

KB - Acredito que o mais importante para o mercado de trabalho é, essencialmente, o relacionamento interpessoal, amparado em características como empatia, tolerância, aprendizagem contínua, pró-atividade, visão do todo. Neste sentido, costumo dizer que contratamos profissionais inspirados no currículo repleto pelas experiências e conhecimentos individuais, entretanto, as promoções ou demissões provêm normalmente das razões comportamentais, relativas à falta ou ao excesso de personalidade! Assim, nos ambientes de trabalho a atitude adequada é fundamental!

E - Como especialista em RH, que conselho você deixaria para os jovens nesse período de construção de seu perfil pessoal para um futuro profissional?

KB - Muitos deles eu já descrevi nas respostas acima, não obstante eu diria a um jovem para planejar a vida, como se planeja um plano de voo, obviamente haverá mudanças pelo caminho, e isso é bom, contudo, assim ele estará direcionando a maior parte de seus investimentos pessoais para um foco, tendendo a favorecer o sucesso desse empreendimento. Em segundo lugar, pediria para ele conjecturar o que gosta de fazer, porque estas competências são mais fáceis de desenvolver, cultuando as especificidades curriculares de cada profissão. E, com base nisso, deveria vislumbrar um mestre, um mentor para

seu espelhamento, fica mais fácil pensar a partir de casos de sucesso, aprendendo alguns matizes da estrada a percorrer. Outra coisa importantíssima, deveria fazer parte do currículo acadêmico, seja dentro de aulas de filosofia ou literatura, a leitura de biografias, são tantas hoje em dia, de uma riqueza incomensurável. Essa leitura contribuiria para que o jovem examinasse e refletisse sobre os percalços que construíram e constituíram cada indivíduo de sucesso, e a partir disso pudesse exercer com mais amplitude a autoanálise das próprias conquistas, andanças e trilhas ainda a percorrer.

Sobre Katia Biehl

Doutora em Psicologia PUC-RS, Mestre em Administração de Empresas (UFRGS) e Diploma de Estudios Avanzados en Psicología (UAM-MADRID). Formação em Dinâmica de Grupo pela SBDG. Psicóloga e Administradora. Especialista em Família, Especialista em Psicologia Transpessoal e Especialista em Recursos Humanos.

Psicóloga na SUSEPE, professora de Graduação, Especialização e Extensão, Palestrante, pesquisadora e Consultora de empresas, mais de 20 anos de experiência profissional em empresas de pequeno, médio e grande porte. Diversos capítulos de livros e artigos publicados nos temas referentes a relacionamentos interpessoais e gestão de pessoas.

PAINEL

por Maicon de Lima Silveira / Depto. Pessoal / Rede Notre Dame

PREPARAR-SE PARA A ESCOLHA

Nossos alunos de hoje serão os trabalhadores de amanhã. É a semente lançada em diferentes tipos de solos que surtirão variedades de frutos. Desde os tempos de criança já se pergunta aos pequenos: "O que você vai ser quando crescer?" E a resposta, muitas vezes influenciada pelos pais, prevê uma profissão que gere bastante dinheiro. Claro que no decorrer das etapas do crescimento, principalmente na seara da construção do conhecimento - que é na escola - o ponto de vista muda, mas o cunho capitalista de ter grande poder aquisitivo, para consumir mais, quase sempre prevalece.

O trabalho tem o poder de promover a realização das potencialidades humanas, a edificação da cultura e a solidariedade entre as pessoas. Tem função libertadora. E os jovens precisam estar educados para isso.

Ao longo da história, a dominação de uma classe social sobre outra desviou o foco do trabalho de sua função construtiva. Em vez de servir ao bem comum, passou a ser instrumento para o enriquecimento de alguns. Do ato de criação, passou a rotina de reprodução. Do gozo de liberdade, transformou-se em obrigação. Afinal, em vez de constituir a realização das potencialidades, converteu-se em caminho para a alienação.

O termo "trabalho" deriva do latim *tripalium*, nome de instrumento de tortura feito de três paus. Não há exagero em afirmar que em diversas situações sociais, o trabalho continua atuando de maneira semelhante, torturando e aniquilando o trabalhador.

Ao executar a rotina de trabalho alienado, o trabalhador submete-se a um sistema que, em grande parte, não consegue desfrutar financeiramente dos benefícios de sua própria atividade. No plano econômico, a meta é produzir para satisfazer as necessidades do mercado e não do trabalhador.

Expressiva parcela da humanidade enfrenta o drama agudo da fome, da falta de moradia, do desamparo à saúde e à educação, sem o mínimo necessário para sobreviver. Uma minoria pode se dar ao luxo de consumir quase tudo que deseja e esbanjar o supérfluo, constituindo o consumismo alienado, que é um ato danoso, alimentado pelo apetite de novidade e distinção social. Exemplo: "tablet" do último tipo, carro do ano, roupas de grifes e que estão na moda, celular do modelo novo, lugares badalados, televisor "led", pasta de dente clareadora, xampu revigorante... Uma grande satisfação que muitas vezes esconde uma tristeza indefinível...

Em meio a constantes mudanças, todos nós devemos estar conscientes no valor original do trabalho e enfatizá-lo num complexo denominado Recursos Humanos à luz da Alteridade.

Em termos individuais o trabalho deve permitir ao ser humano expandir suas energias, desenvolver sua criatividade e realizar suas potencialidades em prol do outro, da comunidade. Pelo trabalho o indivíduo será capaz de moldar e mudar a realidade sócio cultural e, ao mesmo tempo, transformar a si próprio. Ou seja, trabalhando podemos modificar o mundo e a nós mesmos. Já em termos sociais, como esforço conjunto dos membros de uma comunidade, promove a manutenção e a satisfação da vida e o desenvolvimento da sociedade.

No planejamento do futuro profissional você terá que definir que profissão quer ter. Refletir se esse trabalho vai dar a você uma perspectiva de autoconstrução, alegria e liberdade. A maneira que isso será proporcionado e os recursos necessários para realização desse projeto.



ALTERIDADE NO MERCADO DE TRABALHO

por Marines Finger / Tesoureira / Escola Santa Catarina

Eis aqui cinco comportamentos corporativos mais trabalhados em sessões de treinamento nas empresas: Alteridade, Comunicação, Liderança, Legado e Resiliência.

Sabemos que Alteridade é a capacidade de se colocar no lugar do outro. Quando nos relacionamos com outras pessoas ou grupos é preciso conhecer, compreender e aprender com as diferenças respeitando outro indivíduo como ser humano psicossocial. Isso é alteridade.

No mundo corporativo, ser altero nas relações com pares, líderes, subordinados, clientes, etc, é fundamental para que as relações fluam de maneira tranquila e eficaz. As corporações não toleram mais colaboradores que não conseguem enxergar diferentes pontos de vista e lidar rapidamente com diferentes perfis de inter-relações.

Respeitar as diferenças, compreender as pessoas nos leva a exercitar o não julgamento. Conhecer o outro significa pensar, sentir e agir como ele pensa, sente e age, fato que facilita uma maior aproximação, entendimento, compreensão e solidariedade. Com toda certeza será mais fácil estabelecer relacionamentos com pessoas que têm um modo de ver e avaliar as coisas do nosso modo. É mais fácil conviver com semelhanças do que com diferenças.

Praticar Alteridade é uma condição indispensável para iniciar um processo de compartilhar a existência humana, não apenas para entender comportamentos, mas para compreender almas e vivenciar o que o outro nos ensina, processo altamente significativo para nossa evolução.

Quando o outro nos permite conhecê-lo, devemos tentar sentir o que ele sente, pensar como ele pensa e observar com que critérios ele estabelece seus conceitos e sentimentos, assim nos aproximaremos.

Pela via da Alteridade podemos acumular conhecimento e adquirir experiências.

Voltando ao mercado de trabalho, cada pessoa é única dentro da empresa e nos desperta um processo de empatia para descobrir como o outro funciona e conviver com as suas experiências. Investir em vínculos consistentes e favoráveis contribui para que os colaboradores de qualquer empresa, independentemente do porte, sintam-se realmente parte de algo maior, e percebam que são partes fundamentais e estratégicas para um funcionamento organizacional eficaz.

O trabalho com alteridade tem como foco desenvolver a competência de perceber “o outro” como um verdadeiro outro, validando seus pontos de vistas, seus afetos e seus sentimentos. Isso não significa que não existirão conflitos ou resistências, porém seus integrantes compreendem a importância do manejo dessas situações de forma a colaborar com o desenvolvimento da multiplicidade de olhares e pontos de vista. A aprendizagem contínua é umas das características marcantes das equipes que tem como foco o desenvolvimento dessa competência. A alteridade ainda traduz-se na competência de notar no outro suas qualidades, dignidade e percepção singular.

Você tem agido com alteridade? Tem percebido qualidades naquilo que é diferente? Reflita em como é importante preparar-se à luz da alteridade para mercado de trabalho.



ALTERIDADE E RELIGIÃO

por Lediane Ramires Nickel / Professora/ Escola Estrela do Mar

A realidade na qual o mundo vive nos dias atuais é profundamente alicerçada sobre a volatilidade das coisas. As relações são frequentemente fragilizadas, muito inconstantes e relativizadas. Existem muitas dificuldades das pessoas assumirem com afinho um comprometimento com os valores que dão suporte a sua existência.

Assim, acontece com a dimensão do sagrado, com as crenças. Parece que optar por uma religião e testemunhá-la torna-se um tanto constrangedor perante a sociedade relativista. A dimensão religiosa é inerente a toda pessoa e expressa um pouco a sua identidade.

A palavra religião tem sua origem do termo latino "re-ligare", que tem o significado de reatar, "religação" com o divino. Essa definição engloba qualquer forma do aspecto místico e religioso, compreendendo seitas, mitologias e quaisquer outras doutrinas ou formas de pensamento que tenham como característica fundamental um conteúdo que vai além do mundo físico, palpável e mensurável. Toda religião, somente tem sustento, se tem o aspecto comunitário. Ou seja, relacionar-se com o divino e com o humano. O Outro - divino - com outro humano. Ajuda a entender de onde viemos, qual a finalidade de estarmos aqui e para onde vamos.

Nas distintas religiões como o cristianismo, islamismo, hinduísmo e o budismo, por exemplo, caracterizam-se todas por acreditar num ser superior, tem sua filosofia, suas crenças, conjunto de verdade absolutas e todas elas regem-se na sua essência com a máxima de fazer aos outros o que gostaríamos que eles fizessem para nós. O bem e o respeito a todas as pessoas, como princípio ativo e ético presente no cerne de sua estruturação e de se constituir como religião. Quando isto deixa de ter o seu valor corre-se um eminente risco de sectarismo, de se valorizar como a mais correta, exclui o que não se afina com sua crença.

Na história, muitas guerras são movimentadas pela compreensão e assimilação errada da complexidade que é cada religião, interpretada num conteúdo totalitário, reducionista, pragmático, excludente e fundamentalista. Perde-se o sentido ético do respeito, da tolerância e da resiliência. Justificamos ou atribuímos as atitudes humanas a partir de uma interpretação, segundo os interesses particulares individuais, de uma nação, grupo ou facção. Somente vou poder entender as crenças do outro a partir do momento em que tiver um profundo conhecimento no que acredito. Nesta perspectiva vamos encontrar elementos que nos possibilitam uma relação de profundo respeito pelo sagrado. A fé, a crença, os valores contidos na religião traz no seu bojo a olhar para o outro com bondade, com misericórdia, compaixão e solidariedade. Seguidamente encontramos pessoas que professam uma religião ou crença, mas que explora o outro e que não demonstra nenhuma atitude de solidariedade e ajuda. O outro é a porta para manifestar e revelar o rosto de quem somos e para que estamos no mundo. E para quem acredita, um sentido para a sua existência.

Pela alteridade é possível exercer a cidadania e estabelecer uma relação pacífica e construtiva com os diferentes, na medida em que se identifique, entenda e aprenda a aprender com o contrário.

Cátia Gowert / Diretora
Sagrado Coração de Jesus



A DIMENSÃO PEDAGÓGICA E A ALTERIDADE

por Iliane dos Santos Pereira / Pedagoga e Gestora

O professor
escuta sem ouvir sons
e enxerga sem ver,
pois ele é especialista em pessoas.

Discorrer sobre este tema é sempre empolgante e desafiador, pois lidamos com a construção da pessoa desde a mais tenra idade. A pessoa humana é um ser social na sua essência. Necessariamente precisa do outro para poder se desenvolver e lidar com seus talentos e fragilidades. Neste contexto é essencial a presença do professor como um mediador e equalizador nas relações, na elaboração e construção do conhecimento.

Para que a relação entre o professor e o aluno tenha êxito é preciso que haja uma relação de alteridade. Ela é um diferencial entre ambos e, por isso, ela tem a ver mais com os aspectos subjetivos e empatia e, portanto, não se enquadra e nem se associa a uma didática pedagógica e nem a uma metodologia. Mas sim, interconectada com a linguagem, com a dimensão dialógica, com o envolvimento e a interação social. Segundo Barhtin, especialista nesta área expressa: "alteridade, pressupondo-se o Outro, como existente reconhecido pelo "eu" como Outro, que não-eu e a dialogia, pela qual se qualifica a relação essencial entre o outro e o eu". O professor reconhece o aluno como um ser, e não qualquer ser. O professor não é aluno, nem o aluno é professor, mas tem um intenso diálogo de construção do conhecimento e das relações. Sabe diferenciar o que é próprio e respeita profundamente o que o aluno carrega. Ele se vê como num espelho, mas sabe diferenciar o que é real e a sua imagem. Portanto, é sempre um constante movimento de distanciamento e de aproximação que precisam agir sempre de forma simultânea. Nesta relação exercita-se o cultivo dos valores do respeito, da justiça, do compromisso, da responsabilidade, da liberdade.

O professor é aquele que escuta sem ouvir sons e enxerga sem ver, pois ele é especialista em pessoas. Não coloniza as pessoas e nem as olha como simples depositárias. Mas, escuta os sons do coração e enxerga o que passa na mente e nisto consiste uma das dimensões da arte de educar. Concebe o aluno como um ser em constante crescimento e desenvolvimento em todos os sentidos. Nesta relação é importante lembrar que ambos exercem grande influência um sobre o outro de forma consciente ou inconsciente. Que ambos sempre tem algo a contribuir, a partilhar, a aprender, a burilar, sem perder os papéis que a cada um lhe são próprios.

Esta relação, como elemento constitutivo da alteridade, que é a dimensão de liberdade, provoca os professores há um gesto de muita escuta e inserção no mundo dos alunos. Por parte dos alunos, cientes que alguém aposta e acredita no seu potencial, tornando-se mais questionadores, livres, responsáveis pelas suas escolhas, criativos, conscientes das suas responsabilidades diante de si e dos outros. Sempre iluminados do grande ícone da educação brasileira Paulo Freire que expressa: "não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes".

O ambiente educacional é o espaço privilegiado para se exercitar o cultivo da alteridade e torna-se uma marca para a vida toda, tanto do professor como a do aluno. Vale a pena cultivar.

Como professores, precisamos cultivar relações éticas e sadias, pois somos capazes de educar pelo exemplo, transformando o outro em um ser humano íntegro, que sabe cultivar valores que promovam mudanças significativas na sociedade.

Mara Pfeifer Schott
Secretaria / Colégio Maria Auxiliadora



ALTERIDADE

por Laércio Lancellotti / Professor de Filosofia e Ensino Religioso / Maria Auxiliadora

Alteridade é a capacidade de valorizar, de dar importância, de considerar a qualidade do NÃO EU, do diferente, do simplesmente OUTRO. Mas para que eu considere o diferente eu preciso saber que é diferente e, diferença aqui dá a ideia da oposição ao eu; eu este que precisa ser conhecido para que se possa perceber o oposto a ele, o diferente dele. A alteridade vai além do aceitar a diferença, refere-se também à reverência ao estranho, ao que eu nem percebo como diferente porque é mais que isso, é totalmente novo, misterioso, assustador até, mas essencialmente estranho.

Mais do que uma concepção, uma qualidade ou uma capacidade, a alteridade também é um exercício, uma ação constante, uma predisposição eterna ao encontro com o não eu, com o diferente, com o estranho. Também não é uma espera para que esse encontro aconteça, é um partir para encontrar, é lançar-se a caminho.

Um pensador que abordou o tema da alteridade e o transformou no centro da própria existência e do pensamento humano foi o filósofo judeu Emmanuel Lévinas (1906-1995). Para ele, o homem moderno é resultado do desenvolvimento das ciências sobretudo a partir do século XIX, no que se começou a construir um modelo antropocêntrico baseado na racionalidade, no individualismo e na crença no poder absoluto da ciência como produto do desenvolvimento daquela racionalidade. As ciências se especializaram, dividiram-se em partes cada vez menores e, ao mesmo tempo, cada parte buscou seu lugar na nova sociedade numa disputa que construiu a absolutização das partes. O século XX, através das guerras e disputas político-econômicas, expôs a fúria dos sistemas absolutistas e dos conflitos entre eles.

Diante desse cenário, o homem como indivíduo absorveu este ideal científico de explicar tudo racionalmente e de forma objetiva, de maneira que, se está explicado pela ciência, é verdadeiro, inquestionável, fechado, certo, absoluto. E junto com o ideal científico veio o ideal econômico, da valorização absurda do que se tem, do que se adquire materialmente. O próprio homem, enquanto pensante, senhor do mundo e criador da ciência, é objeto desse mesmo modelo por ele criado. Ao final, pergunta-se: esse sistema reducionista trouxe ao homem a felicidade? Trouxe à humanidade (a toda a humanidade) melhor qualidade de vida? Não, não trouxe. A conquista dos bens materiais e a distinção dos que têm com os que nada têm, ou têm menos, produziram a solidão existencial, a depressão e as inúmeras patologias mentais. O deus ciência e o deus dinheiro transformaram profundamente os valores e o homem.

Evidentemente que as melhorias trazidas pela ciência são visíveis, que muito se progrediu em várias áreas do conhecimento por causa das especializações; mas não é contra a ciência que estou pensando, mas contra a absolutização dela e do poder econômico, contra a falsa ideia de que eles podem explicar e dar na mão tudo. Talvez se, junto com as certezas absolutas, as ciências tratassem também das incertezas e do inesperado como permanente possibilidade, os resultados tivessem sido menos excludentes, mais dinâmicos e mais completos.

As explicações que se deram a respeito do que é o homem ao longo do tempo foram reducionistas ao enquadrá-lo em paradigmas, em sistemas, em modelos fabricados pelas ciências naturais, exatas e até humanas. Para se perceber o homem e tentar entendê-lo se tem que fazer o caminho inverso do reducionismo, tem-se que torná-lo complexo, na verdade, reconhecer sua complexidade.



Alteridade também é um exercício em relação ao outro.

Edgar Morin (1921), filósofo e antropólogo francês e também judeu, inaugurou a ideia do pensamento complexo como necessário na tarefa de entender o homem em oposição à simplificação e à fragmentação dos saberes. Para ele, as próprias ciências não teriam chegado aonde chegaram se não considerassem a variedade de conhecimentos e o diálogo entre eles. Para Morin, a relação do homem com o conhecimento, e com ele mesmo, deve considerar as complexidades do próprio homem e do que o cerca; portanto, do seu ambiente interno e externo. Considerar a complexidade desse universo que envolve o humano significa sempre considerar algo novo e inesperado, algo alheio ao que já se sabia ou se tinha experimentado, significa estar aberto ao diferente, ao estranho. Esse estranho é o NÃO EU, é o OUTRO que precisa ser acolhido.

Acolher é receber, é aceitar; e a atitude de acolhida do desconhecido, de relação desinteressada no sentido positivo, de não querer benefícios ou proveitos quaisquer, exige a afirmação da necessidade de um valor: a generosidade. Generosidade porque a relação desinteressada com o outro, segundo Lévinas, extrapola a compreensão do outro, porque a compreensão será sempre a partir dos meus paradigmas, das minhas categorias, dos meus parâmetros. Ser generoso é receber com bondade e sem estereótipos, é simplesmente olhar, contemplar, sem nada buscar, apenas olhar profundamente nos olhos, olhar a face e deixar que ela se manifeste livremente, de modo que eu seja o outro do outro, é me mostrar também como o outro a ser desvendado.

Misteriosamente, pela complexidade do que é o humano e pelas limitações e categorizações do nosso entendimento, é impossível compreender e ser compreendido plenamente, não por não querermos ou porque o outro também não o quer, mas porque transcendemos a nós mesmos todo o tempo e somos habitados pela ideia e pela presença do infinito. Como pode o finito – eu e o outro, compreender e absorver o infinito, presente em mim e no outro? Só podemos contemplar a face um do outro e nos acolher generosamente. Qualquer movimento contrário é pretencioso ou ingenuamente desonesto.

O processo de vivência da alteridade e de todas as suas implicações, a aceitação da presença de uma ideia ou uma realidade infinita em nós e no outro, impõem uma ética de abertura, de generosidade e aceitação profunda do outro em todas as suas dimensões, para, talvez, podermos contemplar ou até experimentar o próprio infinito.

Nessa perspectiva, a primeira carta de São Paulo aos Coríntios (1 Cor 13: 8-12) nos dá uma preciosa pista: “o amor nunca falha; mas havendo profecias serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque em parte conhecemos e em parte profetizamos; mas, quando vier o que é perfeito (infinito), então o que o é em parte será aniquilado; (...) porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face, agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.” O face a face é a profunda intimidade espiritual do eu com o outro e de ambos com o Infinito.

O trecho bíblico, por dar uma ideia de tempo futuro, nos lança numa perspectiva de comunhão e eternidade. Eis aqui a presença de algo essencialmente humano e deixado de lado pelos avanços do século passado: a espiritualidade. Ela é o fundamento da alteridade e objeto rejeitado pela ciência objetiva e pela modernidade. Ela é a face da complexidade humana e de possibilidade de acesso ao Infinito através e com o Outro. Tenhamos coragem e desprendimento para tentar.

JOÃO PEDRO RORIZ

responde sobre
Bullying à luz
da Alteridade

**NO
BULLYING**

Comportamento

Sucesso em todo o Brasil, João Pedro Roriz, jovem, palestrante, apresenta um trabalho dramatizado e divertido, com linguagem acessível para jovens e crianças permitindo uma reflexão do público sobre a cultura da violência, a relação do

bullying escolar com as matérias de jornais, com os produtos culturais infanto-juvenis, com a política, com a História e com os hábitos do dia-a-dia.

ENFOQUE - O bullying é um problema mundial, podendo ocorrer em praticamente qualquer contexto no qual as pessoas interajam. A escola é onde as crianças e adolescentes mais sofrem em função do problema. À luz da Alteridade, como você vê o Bullying nas relações escolares?

JOÃO PEDRO - Alteridade significa a compreensão e o amor ao próximo, apesar de suas potencialidades e diferenças. Paulo Freire veio reafirmar algo que Sócrates já dizia: tudo que sabemos é que nada sabemos. Partindo desse pressuposto, é possível observar que nenhuma pessoa sabe mais do que a outra. Um professor terá maior experiência do que um aluno em determinado assunto, mas até em sala de aula existe uma troca de informações entre essas duas classes. Experiência nada mais é do que reconhecimento de padrões. Mas o que o mercado exige hoje em dia, muito além da experiência, é a capacidade que uma pessoa tem de reconhecer-se como um eterno aluno, capaz de moldar-se diante das dificuldades e das necessidades.

O Bullying é um fenômeno sócioeducativo que envolve atitudes agressivas constantes, com a objetivo de causar prejuízos a uma vítima de modo planejado e intencional. Normalmente essa prática é motivada por preconceito, luta por poder ou afirmação de poder dentro de uma comunidade. A prática da Alteridade entre as pessoas diminui os atritos motivados por diferenças e pode ser uma ferramenta muito útil no combate ao bullying.

E - As crianças ou adolescentes que sofrem bullying podem se tornar adultos com sentimentos negativos e baixa autoestima. Tendem a adquirir sérios problemas de relacionamento, podendo, inclusive, contrair comportamento agressivo. Você acredita que uma educação para Alteridade ajudaria a combater casos de Bullying na escola?

JP - O que difere a escola de um comércio é justamente o comprometimento dos gestores e dos educadores com a cidadania, com os direitos humanos e com a formação moral dos alunos. Se retirarmos essas qualidades da escola, ela se torna um comércio de diplomas onde as pessoas pagam para aprender determinada matéria e seguir a vida.

Lições relacionadas à Alteridade é parte importante no processo de aprendizagem dos alunos, pois permitirá uma reflexão profunda sobre a importância do trato social, a necessidade de lidar com as diferenças, o bem estar comunitário e social, a empatia entre outros temas que são sugeridos pelas leis dos Direitos Humanos.

Quando o bullying é diagnosticado, é preciso fazer um movimento para que o agressor se redima de suas mazelas. Para tanto, é necessário que ele enxergue o mal que cometeu entrando em contato direto com a problemática – tornando-se um agente antibullying. Aquele indivíduo que supostamente não tem empatia pelo próximo poderá se transformar no melhor professor sobre o assunto e instruir os demais. Afinal, como já vimos anteriormente, “tudo que sei é que nada sei” e quanto mais sabemos, mais descobrimos o que não sabemos.

E - Há uma tendência de as escolas não admitirem a ocorrência do bullying entre seus alunos; ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. A Alteridade pode ser um caminho na preparação dos educadores para enfrentar o problema?

JP - Acho que os professores ainda estão muito preocupados em encontrar métodos, regras infalíveis para a resolução de conflitos no universo escolar, quando, na verdade, cada caso depende de um olhar atento e de muita criatividade por parte do docente. Alteridade é assunto que precisa ser encarado como fundamento dentro do conceito de Direito e Humanidades – algo que faz alusão às noções básicas de certo e errado, de ética e de moral. Se não há por parte de um educador um comprometimento ideológico com a Alteridade, não haverá exemplo e muito menos relação social fundamentada no amor e na razão com o aluno.

E - Qual o caminho que você considera para atrair a atenção dos jovens frente ao Bullying?

JP - O caminho da Arte-Educação. Além dos livros que publico, desenvolvo projetos de arte-educação que visam abordar assuntos pertinentes ao universo escolar de modo leve, engraçado e com belas imagens, seja com uso de histórias em quadrinhos, exemplos, contação de histórias, música ou teatro. Entre muitas atividades que realizamos nas escolas e eventos de educação de todo o País, destaco a palestra dramatizada “Bullying não quero ir pra escola”. Trata-se de uma palestra divertida com stand up de humor e cenas teatrais. Dessa forma, o aluno entra em contato com o assunto e se diverte também. Os resultados com alunos, pais e professores são incríveis. A palestra “Bullying não quero ir pra escola” se transformou em um livro com o mesmo nome publicado pela Paulinas. O assunto também é abordado no meu livro “O Mistério de Troia” (Paulus) e no próximo lançamento “Céu de um verão proibido” (Besouro Box).

E - Considerando Alteridade e Bullying, que mensagem você deixa para contribuir na formação dos jovens Notre Dame?

JP - As instituições com ideologia religiosa têm se mostrado muito mais operantes na formação moral dos alunos – objetivo tão importante quanto o sucesso no vestibular. O que adianta formarmos intelectuais sem senso de coletividade, sem amor à Pátria e totalmente alheio às suas missões como cidadão? Nesse sentido, parabenizo a abordagem do assunto e a preocupação com a violência dentro da escola, lembrando que todos somos agentes da paz e que precisamos todos os dias refletir sobre o bem que fizemos e o bem que deixamos de fazer.

Sobre João Pedro Roriz

João Pedro de Sá Roriz (Niterói, 1982) é um escritor, ator e jornalista brasileiro, considerado uma das maiores revelações do mercado literário juvenil da atualidade. Entre 1997 e 2005, trabalhou como ator em diversos musicais e célebres projetos televisivos como a minissérie “A Muralha” (Rede Globo, 2000) e a peça teatral “Violetas na Janela” (1997 -2008).

Aos 17 anos, escreve os livros “Gorrinho – uma loucura crônica” e “Eros e Psique”. Os livros seriam publicados dez anos mais tarde pela Paulus Editora. Aos 19 anos, optou pela Faculdade de Jornalismo e passou a dar aulas de teatro, compor ao piano e escrever profissionalmente, inclusive para jornais. Assina o libreto e as canções do espetáculo “Carmen – O Musical” (2005) apresentado em diversas cidades do País.

Em 2013, o escritor lança o livro infantil “Bullying não quero ir pra escola”, e passa a escrever artigos regulares para o jornal O Dia versando sobre educação e cidadania. Ainda este ano escreveu a continuação “Gorrinho 2 – O Mistério está no ar”, que será publicado pela Paulus em 2014 e lança pela mesma editora “O Mistério de Troia”, terceira obra da Coleção Mitológicas em versão impressa e virtual. A WAK fecha contrato com o autor para publicar seus poemas juvenis no livro “A dor se lê essência” com dois formatos de capa diferentes. Após votação popular, o Jornal Extra, do Rio de Janeiro, alcunha o escritor como “maior promessa do mercado literário juvenil”.

LIVROS PUBLICADOS: (2014) Gorrinho 2 – o mistério está no ar (no prelo); (2014) Gorrinho e Jorginho - Perdidos na Mata (no prelo); (2013) A dor se lê essência (no prelo); (2013) O Mistério de Troia; (2013) Bullying - não quero ir pra escola; (2013) Bullying - se correr o bicho pega; (2012) Almanaque da Cidadania; (2012) Como Educar Sua Mãe; (2012) Chica da Silva; (2012) A Maldição de Hera; (2011) Romeu e Julieta - Adaptação de João Pedro Roriz; (2010) Eros e Psique; (2010) Orgulho e Preconceito Adaptação de João Pedro Roriz; (2009) Gorrinho, uma loucura crônica; (2007) Liras Dramáticas; (2006) Poesia Teatral.

Visite o site: www.joaopedrororiz.com.br



PAINEL

CUIDAR DO OUTRO É PREVENÇÃO

por Lucineia Leichtveis/Psicopedagoga/Colégio Santa Teresinha

Falar sobre bullying tornou-se assunto de grande importância entre os espaços escolares e familiares.

Pais e professores devem estar atentos a respeito desse assunto, que tanto preocupa, magoa e causa sérios prejuízos emocionais.

Sintomas como ansiedade, falta de vontade em realizar tarefas antes desejadas, tristeza, isolamento, vontade de ficar sozinha, são algumas características que as crianças e adolescentes que sofrem bullying podem manifestar.

Identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de grande importância para que as escolas e famílias tracem estratégias e intervenções para auxiliar essas crianças e adolescentes.

Esses personagens do bullying, de formas diferenciadas, sofrem as consequências das atitudes vivenciadas.

Os alunos considerados vítimas do bullying apresentam atitudes típicas que podem ser observadas por educadores no ambiente escolar, como, por exemplo, ficam isoladas no recreio ou procuram estar perto de algum adulto. Na sala de aula, são retraídos, sentem muita dificuldade em questionar, participar, tendo medo em expor-se ao ridículo. Muitas vezes faltam a aula, utilizando-se de desculpas, principalmente quando sabem que terão momentos de exposição maior no grupo. Quando realizadas atividades em grupo, são aquelas que são as últimas a serem escolhidas. Em alguns casos, aparecem com arranhões, manchas vermelhas e não sabem explicar o que houve, com medo de denunciar.

No ambiente familiar, muitas vezes se queixam, com dores, na cabeça, enjoo, dor de estômago, tonturas, vômitos, sem vontade de comer. Muitas vezes perdem o sono. Esses sintomas podem ocorrer de forma mais grave antes de irem para a escola. Também apresentam mudanças de humor, irritação, explosões repentinas sem aparente motivo. Muitos se isolam de todos e não tem amigos que frequentam a casa. Podem tornar-se descuidadas com seus objetos, pertences. Também procuram, muitas vezes, suprir suas decepções e perdas, querendo adquirir coisas, de forma mais intensa do que a habitual.

Assim como, termos atenção em relação as vítimas de bullying é de extrema importância, perceber atitudes dos agressores é também uma forma de enfrentarmos esse problema de maneira mais pontual e direta. Podemos observar nos agressores características como, iniciam muitas vezes suas agressões com atitudes que chamam de brincadeirinhas e estas vão se transformando em gozações, insultos, desrespeito, provocações. Quando chamados a atenção, sempre dizem se tratar de brincadeira e apresentam atitudes arredias, como se estivessem sendo injustiçados, procurando apoio dos colegas que fazem parte de seu grupo.

Apelidos, ameaças diretas e indiretas, ordens, tapas, beliscões discretos, cochichos, puxões de cabelo sem que ninguém perceba e até mesmo retirada de materiais escolares, como também, buchas de papel sendo jogadas na vítima.

Estes personagens, em casa, normalmente apresentam dificuldade em respeitarem ordens e regras, adotam maneiras arrogantes de se vestirem, têm habilidade em manipular as pessoas, mentem, comparam idades mostrando que são jovens perante os mais velhos, capazes de tudo. Muitas vezes voltam pra casa com roupas amassadas, o que pode demonstrar algum envolvimento com luta corporal. Se comportam como se não tivessem feito nada de errado diante algum questionamento dos pais.

E, falando do terceiro tipo de personagem dessa triste história do bullying, temos os espectadores.

Esses, na maioria das vezes, ficam calados, não querem acreditar no que veem, quando questionados preferem não falar e muitas vezes, sofrem com isso e não sabendo como lidar ou o que fazer com a situação, ficam fingindo não terem observado, ou melhor, não querem acreditar no que está acontecendo. Em alguns casos, quando não suportam o sofrimento de um grande amigo, colega, manifestam sua indignação de forma nervosa, com choros, queixas, raiva.

Educadores, pais, alunos que entendem a gravidade dessas atitudes, devem buscar parcerias para a resolução desse grande problema.

Os personagens do bullying, sofrem. Sofrem de formas diferentes. Sem sombra de dúvidas que as vítimas são aquelas que mais necessitam de uma imediata intervenção e ajuda de um adulto.

Os agressores, também necessitam de ajuda, pois com certeza, para estarem manifestando atitudes tão agressivas contra outros, querem mostrar de forma errada que precisam de algum tipo de apoio emocional, psíquico.

E, falando dos espectadores, sujeitos que observam, que não sabem como lidar com a situação, precisam sentir-se amparados para tomarem atitudes necessárias.

Sendo assim, o Bullying, nos desafia a sermos observadores atentos, buscando sim, orientar e auxiliar nossas crianças e jovens, na construção do caráter, com valores éticos, morais e religiosos. Crianças e jovens necessitam de um olhar constante do adulto.

O adulto, sendo personagem alterneiro nessa história, que entende a importância e necessidade do outro nas relações, tem possibilidade de orientar de forma construtiva, crianças e adolescentes que passam por diferentes fases de desenvolvimento. Transmitindo valores, educando, orientando sobre o respeito ao próximo e que neste mundo, necessitamos uns dos outros, o adulto poderá estar oferecendo ao jovem, possibilidades de um mundo melhor, digno e talvez não tão cruel, diminuindo a violência em nosso meio!

...E NA REDE?

por Leandro Salenave / Webmaster / Rede Notre Dame

Transferido para o ambiente virtual, as tristes ações de bullying de personagens identificados pela psicopedagoga Lucineia Leichtveis, podem ser potencializadas e atingir resultados ainda mais cruéis.

A identidade virtual de um jovem, hoje, é tão ou mais importante que a sua reputação frente a um grupo de colegas, amigos ou vizinhos.

Se por um lado o agressor não desfruta do meio físico de intimidação, tem ao seu dispor infinitas possibilidades de criar falsos subsídios para acabar com a pessoa, objeto de sua agressão. Seja dando uma atenção específica a uma característica física ou comportamental da vítima, ou ainda criando falsas situações.

Para o meio virtual, o expectador se divide em dois grupos. Um deles, igualmente colocado como o descrito por Leichtveis, vê estarecido os acontecimentos e impotente aos fatos, nada faz. Outro, usa mecanismos tecnológicos que, mesmo por um impulso ou movido por comentários, sem tempo de formular um opinião consolidada sobre o assunto, usa a simbologia de um polegar e chancela uma imagem ou citação com seu "curtir", afirmando que concorda com tudo o que está sendo feito ou descrito.

E por fim, a vítima do bullying, pode até nem saber o que está acontecendo com ela. É mais fácil ocultar questões a nível virtual, ao ponto que perfis fechados a um determinado grupo podem ser facilmente configurados e, quando a pessoa se dá por conta, vários outros estão sabendo dos acontecimentos, o que dificulta ainda mais uma tentativa de reação.

A agressão virtual tem consequências reais.

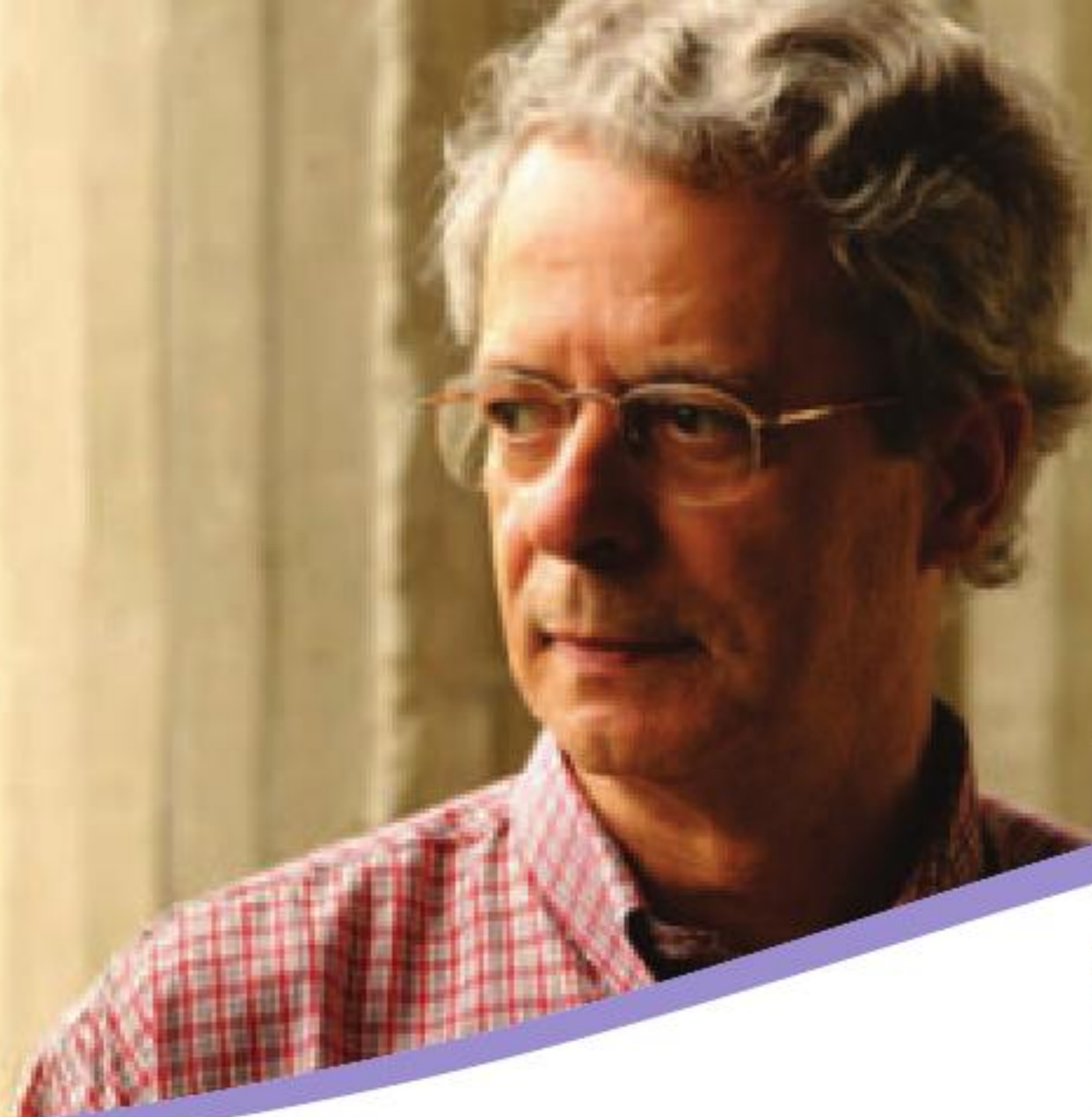
Mas não se engane, TUDO no meio virtual é passível de ser rastreado e instituições federais estão trabalhando para garantir direitos legais, tanto no físico quanto no virtual. Mesmo sabendo que a Internet, e em especial as redes sociais, são muito novas, pessoas capacitadas e regras definidas se unem para garantir um ambiente confortável e que cumpra seu objetivo maior que é o de socializar as ações individuais dos seus associados.

E preservar sua identidade virtual não é um equívoco, é uma necessidade. Muitos adultos, ativos no mercado de trabalho, ainda não se deram por conta o quanto a consolidação errônea de uma identidade virtual pode ser danosa, pois empresas e colegas são livres para navegar na rede e identificarem diferentes visões sobre um mesmo assunto. Mantenha-se a liberdade de expressão, mas que seja do entendimento que a Internet possui um alcance exponencial e, se não mensurada da maneira correta, o resultado de uma inofensiva postagem pode se transformar em um auto-bullying.

FREI BETTO

escreve sobre

ALTERIDADE



O que é alteridade? É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem.

A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele. Toda a estrutura do ensino no Brasil, criticada pelo professor Paulo Freire, é fundada nessa concepção. O professor ensina e o aluno aprende. É evidente que nós sabemos algumas coisas e, aqueles que não foram à escola, sabem outras tantas, e graças a essa complementação vivemos em sociedade. Como disse um operário num curso de educação popular: "Sei que, como todo mundo, não sei muitas coisas".

Numa sociedade como a brasileira em que o apartheid é tão arraigado, predomina a concepção de que aqueles que fazem serviço braçal não sabem. No entanto, nós que fomos formados como anjos barrocos da Bahia e de Minas, que só têm cabeça e não têm corpo, não sabemos o que fazer das mãos. Passamos anos na escola, saímos com Ph.D., porém não sabemos cozinhar, costurar, trocar uma tomada ou um interruptor, identificar o defeito do automóvel... e nos consideramos eruditos. E o que é pior, não temos equilíbrio emocional para lidar com as relações de alteridade.

Daí por que, agora, substituíram o Q.I. para o Q.E., o Quociente Intelectual para o Quociente Emocional. Por quê? Porque as empresas estão constatando que há, entre seus altos funcionários, uns meninões infantilizados, que não conseguem lidar com o conflito, discutir com o colega de trabalho, receber uma advertência do chefe e, muito menos, fazer uma crítica ao chefe.

Bem, nem precisamos falar de empresa. Basta conferir na relação entre casais. Haja reações infantis...

Quem dera fosse levada à prática a ideia de, pelo menos a cada três meses, um setor da empresa fazer uma avaliação, dentro da metodologia de crítica e autocritica. E que ninguém ficasse isento dessa avaliação. Como Jesus um dia fez, ao reunir um grupo dos doze e perguntar: "O que o povo pensa de mim?" E depois acrescentou: "E o que vocês pensam de mim?"

Quem, na cultura ocidental, melhor enfatizou a radical dignidade de cada ser humano, inclusive a sacralidade, foi Jesus. O sujeito pode ser paralítico, cego, imbecil, inútil, pecador, mas ele é templo vivo de Deus, é imagem e semelhança de Deus. Isso é uma herança da tradição hebraica. Todo ser humano, dentro da perspectiva judaica ou cristã, é dotado de dignidade pelo simples fato de ser vivo. Não só o ser humano, todo o Universo. Paulo, na Epístola aos Romanos, assinala: "Toda a Criação geme em dores de parto por sua redenção".

Dentro desse quadro, o desafio que se coloca para nós é como transformar essas cinco instituições pilares da sociedade em que vivemos: família, escola, Estado (o espaço do poder público, da administração pública), Igreja (os espaços religiosos) e trabalho. Como torná-los comunidades de resgate da cidadania e de exercício da alteridade democrática? O desafio é transformar essas instituições naquilo que elas deveriam ser sempre: comunidades. E comunidades de alteridade.

Aqui entra a perspectiva da generosidade. Só existe generosidade na medida em que percebo o outro como outro e a diferença do outro em relação a mim. Então sou capaz de entrar em relação com ele pela única via possível – porque, se tirar essa via, caio no colonialismo, vou querer ser como ele ou que ele seja como sou – a via do amor, se quisermos usar uma expressão evangélica; a via do respeito, se quisermos usar uma expressão ética; a via do reconhecimento dos seus direitos, se quisermos usar uma expressão jurídica; a via do resgate do realce da sua dignidade como ser humano, se quisermos usar uma expressão moral. Ou seja, isso supõe a via mais curta da comunicação humana, que é o diálogo e a capacidade de entender o outro a partir da sua experiência de vida e da sua interioridade.

O GRUPO É O LUGAR DE FELICIDADE DO JOVEM

por Maurício Perondi / Doutor em Educação - Especialista em temas sobre juventudes.

Há pouco tempo um amigo professor relatou que a associação de professores da qual ele faz parte colocou à venda a sua sede campestre pelo fato de ter sido utilizada apenas duas vezes em um ano. Destacou ainda que até anos atrás a mesma era utilizada todos os finais de semana para convívio e confraternização entre as famílias dos membros da associação. Este exemplo reflete uma realidade do mundo contemporâneo em que cada vez mais as relações se tornam individualizadas e os espaços de interação são reduzidos.

No entanto, se a sociedade de modo geral caminha nessa direção, existe um segmento que ainda privilegia muito os espaços coletivos, que são os jovens. De acordo com Hilário Dick "não é exagero afirmar que o jovem tem uma necessidade violenta de viver em grupo e que nunca na história humana houve tanta procura juvenil de vivências grupais. Nem todas boas, mas grupais" (2006, p. 53-54).

Atualmente pode-se dizer que existem vários tipos de grupos, desde os grupos clássicos como os grupos de jovens das igrejas e escolas, os movimentos estudantis, os movimentos sociais até os novos grupos articulados em torno da cultura, do esporte, da ecologia, da paz etc. Normalmente esses grupos são organizados e coordenados por alguma instituição educativa, cultural ou pública. Contudo além destes, percebe-se o surgimento de uma infinidade de outras experiências grupais, mais espontâneas, mais flexíveis e coordenadas pelos próprios jovens. Essas experiências geram o que o autor Carles Feixa (2006) chama de culturas juvenis, em que os jovens são criadores de uma cultura específica, com características próprias dos sujeitos que fazem parte da mesma.

Independente da forma pode-se dizer que as experiências grupais são fundamentais para o exercício da alteridade e para a formação dos jovens, pois:

- **contribuem para a construção da identidade do jovem:** de acordo com Alberto Melucci (2004), vivemos o período histórico em que é cada vez mais difícil responder a pergunta "Quem sou eu?", pois as pessoas estão imersas numa rede relacional tão ampla e vivendo um tempo de mudanças tão aceleradas que fica difícil compreender-se a si mesmo. Através do contato com os demais, o jovem tem a oportunidade de perceber-se a si próprio, suas potencialidades e limitações, gerando possibilidade de um melhor autoconhecimento.

- **contribuem para as relações interpessoais e a vivência da afetividade:** o jovem tem uma necessidade intrínseca de relacionar-se com o outro e de viver a sua afetividade, pois é um período da vida de muitas descobertas e de buscas de identificação. O grupo oportuniza relações com seus pares possibilitando relações afetivas que lhe ajudam a integrar melhor essa dimensão em sua vida. É muito comum que amizades feitas nos grupos da fase da juventude perdurem por toda a vida.

- **contribuem para a consciência crítica:** a participação junto a outros jovens possibilita perceber diferentes pontos de vista, que, geralmente, não são possíveis de serem visualizados de forma individual. Através de outros olhares, o jovem pode adquirir uma consciência crítica com relação ao ambiente onde vive e à importância de sua participação nas diversas esferas da sociedade.

- **contribuem para o desenvolvimento de habilidades:** o grupo oportuniza o espaço de expressão dos sujeitos. A partir dessa possibilidade, o jovem pode desenvolver habilidades e talentos, tais como a expressão oral, o aprendizado de coordenar atividades, dons artísticos, etc.

- **contribuem para o exercício da liderança:** atualmente vivemos um período de crise de lideranças, pois temos uma educação muito voltada para a passividade dos educandos. A participação em diferentes experiências grupais pode ajudar a formar líderes tanto na atuação de seu próprio grupo como em outras instâncias.

- **contribuem para pensar no sentido da vida:** se fossemos pensar quais são os espaços que ajudam o jovem hoje a pensar sobre a sua vida, a que conclusão chegaríamos? As instituições educativas poderiam ser um espaço privilegiado para isso, no entanto, elas estão cada vez mais centralizadas no desenvolvimento do conhecimento técnico-racional, deixando de lado a formação humana e o auxílio para que os sujeitos pensem sobre o sentido de sua vida. A experiência grupal pode contribuir para que essa dimensão seja refletida de modo como os jovens necessitam.

A partir das contribuições elencadas concordamos com Dick (2006) quando ele afirma que o "grupo é o lugar da felicidade do jovem". E você, já pensou nos grupos que te fazem ser feliz? Já pensou em tudo o que os grupos que você participa ou participou ajudaram em sua vida?

Para finalizar gostaria de parafrasear um pensamento de Fernando Pessoa dizendo que "participar de grupos é preciso; viver não é preciso" (o original é "navegar é preciso; viver não é preciso").



CAMINHOS PARA ALTERIDADE

por Pe. Gerson Gonçalves / São Sepé

VALORES

Diante de pessoas e coisas, estamos constantemente fazendo JUÍZOS de valores... Exemplos: essa caneta é ruim, falha muito. Aquela moça é bonita. Aquele vaso é feio. E assim por diante. Esses são os juízos da realidade. Emitimos também, juízos de valor, quando o mesmo conteúdo mobiliza nossa atração ou repulsa.

O QUE SÃO VALORES?

Os valores não são, mas valem. São as relações que se estabelecem entre os seres e o sujeito que as aprecia. Traduzindo, algo que possui valor não permite que permaneçamos indiferentes.

MORAL

Os conceitos de moral e ética, embora sejam diferentes, são com frequência usados como sinônimos. MORAL vem do latim: MOS MORIS, que significa "maneira de se comportar regulada pelo uso", ÉTICA, vem do grego, ETHOS, que tem o significado de costume.

A ÉTICA se ocupa com a reflexão a respeito das noções e princípios que fundamentam a vida moral.

Essa reflexão pode seguir as mais diversas direções, o ser humano é um ser de relações. Precisamos conviver e aprofundar laços. Hoje em dia o ser humano precisa reaprender a confiar, escutar e apresentar limites.

RELAÇÕES SOCIAIS

As relações sociais acontecem no grupo em que pertencemos. É na família que começa a preparação da criança para a vida, para a participação no meio, que influi na vida da criança. A história da vida de um indivíduo é a história fundamentada a partir das relações familiares e sociais.

Um grupo social supõe um conjunto de pessoas num processo de relação mútua e organizado, com objetivos claros.

A família, por exemplo, o sustento e a formação escolar dos filhos, o diálogo, os amigos, todos temos direitos e deveres. É preciso ter clareza e convicção nos ensinamentos que repassamos para aqueles que convivem conosco. Pai e mãe são referenciais para os filhos. Todo o filho tem no pai e na mãe os seus primeiros ídolos, daí a importância da educação apresentar amarras seguras para definir o caráter dos jovens.

Vivemos hoje um período onde as pessoas se desiludem com facilidade, e temos que ser o elo transmissor da esperança, temos que valorizar toda a experiência que tente resgatar a dignidade dos nossos semelhantes.

PENSAMENTOS E SAUDADE - Vamos juntos pensar. Queremos viajar nas ondas de um mar ontológico e num arroubo de eloquência quando percebermos o desafio de conviver e educar.

Na linguagem cotidiana dizemos que uma pessoa tem cultura quando frequentou boas escolas, leu bons livros, assistiu a bons filmes, adquiriu conhecimentos e usa esses conhecimentos. Educar para a Alteridade. Sonho, desafio ou utopia?

A HUMANIDADE EM PAZ... PODE?

A violência está cada vez mais incorporada em nossas vidas. Estamos nos sentindo frágeis, debilitados, pequenos e impotentes. Amplificados pelos meios de comunicação, a sociedade pede uma política mais enérgica, uma justiça mais dura,

prisão perpétua (só que isso é uma falácia, pois a Constituição Federal garante que no Brasil, nunca poderão ser adotadas penas como a prisão perpétua e, salvo em caso de guerra, a pena de morte), Jornais, rádios, televisões nos “dão banhos de sangue”, a tragédia, a dor, a lágrima, o odor das carnificinas, e os crimes hediondos são companheiros na hora do chimarrão. Com a televisão estamos no meio do conflito, percorremos as ruas de Jerusalém, da Cisjordânia, acompanhados por homens e mulheres bombas. Acompanhamos depoimentos inflamados de vítimas da violência que pedem mais violência. Com isso, essa indústria se fortalece. A cada dia que passa surgem mais empresas oferecendo segurança. Do guarda noturno, das grades, dos cães, carros blindados, alarmes, infravermelho, escoltas, serviços de inteligência. As empresas gastam fortunas em segurança e o que vemos é que com toda essa parafernália não conseguimos diminuir a violência urbana.

É a hora da violência explícita e a violência implícita? Do marido que surra a esposa, esta que bate no filho, a miséria que assola o nosso País, o desemprego, a prostituição, o grande número de dependentes químicos. Como inverter essa lógica perversa? Superar a violência e construir uma cultura de paz? O que fazer para romper com as amarras das “parafernalias tecnológicas da modernidade”?

População culpada e cúmplice ou vítima e injustiçada? Muitas iniciativas têm acontecido em favor de uma sociedade justa e fraterna, que possa ser construída por todos nós, e, assim, possibilitar a participação da cidadania, promover a dignidade humana, construir a paz e buscar uma vida em abundância para todos. Muitas lideranças da sociedade civil tem se transformado em promotores da paz e ganham espaços nos meios de comunicação. Mas ainda é pouco.

A lógica do combate à violência não supera a violência. Pelo contrário, arma cada vez mais as forças opostas, transformando o que deveria ser uma política pública de segurança em guerra. Todos são inimigos até que se prove o contrário. A população é culpada, é cúmplice, é usada, é inflamada, é presa, se vê em meio a tiroteios, favelas se transformam em trincheiras, morros em quartéis, quem pode mais chora menos porque é utilizada a lei do silêncio para sobreviver, pois se denúncia for confirmada acontece a famosa retaliação.

E a violência vai se tornando cada vez mais forte, as pessoas abandonam valores, princípios civis, políticos e religiosos.

É preciso uma superação coletiva, aprender com as dificuldades, aumentar a autoestima, criar esperanças e projetar o futuro, mudando as atitudes e comportamentos diante dos outros e da vida.

Na busca de melhores condições de vida, essas forças ocupam as ruas, as praças, as igrejas e as associações, aumentando os espaços de vida cidadã e diminuindo os espaços antes abandonados à marginalidade, ao crime e à corrupção. Por isso, vamos nos organizar, apresentar propostas, reivindicações, cobranças às autoridades constituídas redimensionando as nossas exigências políticas e buscarmos a paz. É a partir da organização e participação popular que superaremos essa onda de violência que assola o nosso cotidiano.

E as famílias como estão?

A instituição familiar hoje enfrenta um grande desafio: Como educar? Quais são as orientações que estão sendo colocadas em prática pela família contemporânea?

Penso que recordar é viver e me lembrando de Descartes quando apresenta a máxima “penso, logo existo”, nos bate uma saudade de um “com licença”, “me desculpa”, “muito obrigado”, “a benção meu pai”. Que tempo! Éramos felizes e não sabíamos. Quem não escutou aquela frase da cultura popular: “Professora, dê estudo para essa criança, pois educação nós damos em casa”. Saudade daquele “não”, necessário ao nosso bem.

Percebemos com certa apreensão que os tempos mudaram, estamos precisando de uma educação que nos apresente valores e nos ensine limites. O limite sempre gera segurança, nossos jovens se sentem seguros quando apresentamos a eles um projeto claro e seguro.

A família hoje, deve ser o porto seguro diante do mar que é o mundo, é o farol que nos mostra que é possível sim dizermos não a essa cultura de consumo. Precisamos nos libertar do vazio, do descartável. Precisamos ensinar que um “não” faz um bem enorme. Não podemos de forma alguma ter medo de impor limites para as nossas crianças, pois o mundo apresenta um projeto de ilusão e hedonismo.

“Somos responsáveis por quem cativamos”, com esse pensamento queremos dizer que quem ama corrige, aponta caminhos, diz não, apresenta proposta sérias que nos comprometem com a vida e com o projeto de Jesus Cristo.

A vida é um presente que Deus nos alcançou e que um dia iremos prestar contas, por isso vamos reaprender a nos posicionar e lembre-se que com firmeza, discernimento, convicção e amor, apresentaremos ao mundo uma bonita proposta de transformação e realização. Exigindo sem perder a ternura. Boa reflexão.



RELAÇÃO: REAL X VIRTUAL

por Aline Brutti Aita / Professora / Escola Santa Catarina

A sociedade está em constante transformação, sempre buscando se adaptar aos ditos novos padrões que vão surgindo. Entretanto, um aspecto dessa variação merece destaque: o avanço tecnológico, o qual foi entrando de mansinho na vida das pessoas, trazendo com ele muitas facilidades e modernidades à população.

Contudo, as tecnologias, principalmente as da informação, tomaram proporções consideráveis, isto é, além de benefícios imensos, acabaram gerando também alguns pontos não muito legais, que precisam ser discutidos com atenção e cuidado, dentre eles a facilidade de acesso à internet e seu uso indiscriminado.

Hoje em dia pode-se observar, em diversas escalas, que a internet chegou para ficar e está fortemente “conectada” à vida da maioria dos seres humanos que habitam a superfície do planeta Terra. Tanto que está interferindo nas relações sociais, as quais estão se tornando cada vez mais virtuais.

É claro que se deve levar em consideração que os tempos mudaram, as tecnologias evoluíram, os modos de pensar e agir também, porém o que não pode se perder e ainda precisa evoluir são as relações, as interações sociais.

Estamos vivendo uma época onde o virtual predomina, ou seja, as relações estão praticamente vinculadas a aparelhos eletrônicos, redes sociais. Amizades, amores, por exemplo, começam e terminam na mesma proporção, sem identidade, sentimento, muito menos alteridade.

Hoje, vivemos o que os sociólogos chamam de amor líquido, já que nossas relações de afetividade tornam-se facilmente descartáveis. Assim, o verso do poeta brasileiro Vinícius de Moraes, “Que seja eterno enquanto dure”, encaixa-se perfeitamente ao que estamos vivendo nos dias atuais. Nesse sentido, as relações entre as pessoas estão cada vez mais vulneráveis e a realidade do mundo virtual proporciona a escolha de novos amigos e novos amores facilmente, ou melhor dizendo, num simples “clique” do computador. As identidades são forjadas, a fim de chamar atenção das pessoas, pois vivemos a dicotomia entre mundo virtual e mundo real, em que um indivíduo pode assumir diferentes personalidades, mantendo relações pouco duradouras. (SANTOS, 2013)

Diante dessa realidade, é preciso parar por um momento e refletir sobre o que está acontecendo, que rumos às interações sociais estão tomando e ainda, que consequências estão aparecendo e as que poderão surgir.

Mas uma coisa é certa, o vínculo real, os valores, sentimentos sinceros precisam ser preservados, são pilares fundamentais para a estrutura da vida. O que é comprovado pelos estudos do sociólogo americano Robert Weiss. Ele escreveu na década de 70, que existem dois tipos de solidão: a emocional e a social. Segundo Weiss, “a solidão emocional é o sentimento de vazio e inquietação causado pela falta de relacionamentos profundos. A solidão social é o sentimento de tédio e marginalidade causado pela falta de amizades ou de um sentimento de pertencer a uma comunidade”. Vários estudos têm reforçado a tese de que os sites de relacionamentos diminuem a solidão social, mas aumentam significativamente a solidão emocional. É como se os participantes dessas páginas na internet estivessem sempre rodeados de pessoas, mas não pudessem contar com nenhuma delas para uma relação mais próxima.

A internet nos ajuda, mas sozinha não suporta a complexidade das relações reais.

Betina Teixeira / Professora de L. Portuguesa
Escola Maria Rainha

Assim sendo, as tecnologias da informação fazem parte do cotidiano de milhões de pessoas, e cabe a elas saber utilizá-las a seu próprio favor, com consciência, se colocando no lugar do outro, sem permitir que o virtual sobressaia, visto que os excessos atrapalham o andamento harmônico das situações corriqueiras.

Como educadores, também precisamos considerar o que essa explosão tecnológica reflete nas relações entre os nossos alunos, pois tanto crianças quanto adolescentes acessam com facilidade e muitas vezes sem supervisão, orientação dos pais/familiares sites com conteúdos inadequados e principalmente as redes sociais, expondo informações pessoais e desnecessárias, além de conflitos. É preciso usufruir da sabedoria para orientar e auxiliar nesses casos, sempre buscando ter a família por perto, como parceira da escola.

Portanto, com o mencionado acima aliados as vivências diárias, pode-se dizer que nada substitui o companheirismo real, o brincar junto e ralar o joelho sentindo aquele ardido, o conversar sentindo o cheiro do amigo, dar um abraço, fazer um carinho, pegar na mão, aventurar-se em grupo, exercitando a alteridade, entre muitas outras pequenas situações que não podem ser sentidas, vivenciadas pelo teclado e tela de um computador.

MAIS CONVIVÊNCIA, MENOS INTERNET..

Alunos da 8ª série / Escola Sagrada Família

A tecnologia está dominando o mundo, transformando as formas de relacionamento e as pessoas estão se tornando cada vez mais dependentes dela. Um exemplo dessa dependência é a internet, cujas redes sociais promovem relacionamentos baseados em bate-papos on line, conversas em grupos, através de mensagens, postagens de textos, vídeos e fotos. Com isso, nos afastamos de nossos familiares e amigos e deixamos de curtir a vida ao natural para curtir a vida on line. E as pessoas estão se tornando obcecadas pela internet.

Grandes pensadores como Adorno e Horkheimer afirmavam: "As máquinas foram criadas como instrumentos para nos libertar do trabalho. Mas hoje, não nos libertamos delas nem mesmo nos momentos de lazer". Essa frase retrata o que ocorre atualmente. Em muitas famílias, as pessoas não sentam mais juntas para terem boas conversas, expor suas ideias, relatar o dia a dia. As pessoas estão esquecendo os vínculos de afeto e amizade próximos a elas e utilizando a internet para "fazer novas amizades", que muitas vezes se tornam perigosas. Os jovens estão se expondo muito sem ter cuidado com o que acessam ou postam nas redes sociais. Além disso, criam mundos virtuais e se esquecem do mundo real.

Cabe destacar que a internet tem muitos benefícios. É usada no trabalho, no estudo, traz muita informação, podemos acessar e acompanhar os acontecimentos do mundo inteiro. Porém, é preciso ter cuidado, usar a sabedoria para filtrar o que podemos utilizar positivamente.

É hora de repensar nossas atitudes. Retomar antigos hábitos como conversar com os vizinhos e amigos pessoalmente, praticar mais esportes, ler livros, curtir a natureza. Assim, estaremos trazendo inúmeros benefícios para nossas vidas.

AMIZADE

Alunos da 8ª série / Colégio Santa Teresinha

Qual é a diferença (se houver) entre a amizade virtual e a real?

Amizade é um assunto delicado, ainda mais na adolescência, quando os sentimentos estão confusos, então é necessário analisar várias vezes o que a palavra significa para nós.

É importante também falar de amizade virtual, começando com o fato de que manter um vínculo com alguém que não conhecemos pessoalmente e que não mantemos contato físico é mais complicado. Ainda existem vários outros motivos que nos mostram que uma amizade "real" é bem mais segura e tem bem mais chances de dar certo do que uma amizade virtual, onde o contato físico, em especial as demonstrações de carinho, são nulas. O certo é analisar muito bem com quem estamos nos relacionando virtualmente, porque muitas vezes o sentimento também é virtual e podemos acabar nos machucando. Além disso, há várias maneiras de fazermos amizades, tanto na internet, como fora dela. Os amigos que você tem no "FACEBOOK", por exemplo, de 500, você pode "contar nos dedos" quantos são verdadeiros. Às vezes, as pessoas acham que quanto mais amigos no "facebook", mais populares serão, e acabam adicionando pessoas que nunca viram.

Mas não é preciso dicionário para definir amizade, na verdade não há palavras suficientes para descrever esse sentimento tão presente em nossas vidas, e ainda existem pessoas que trocam o toque, o olhar, os risos, as aventuras, as lembranças, tudo que a amizade abrange por uma tela de computador, e, na maioria das vezes, a pessoa como é "descrita" não é verdadeira. A tecnologia presente no nosso dia a dia é um meio de comunicação muito necessário, mas como disse Joseph Addison: "A amizade desenvolve a felicidade e reduz o sofrimento, duplicando a nossa alegria e dividindo a nossa dor". Para dividir é preciso conviver e para conviver é preciso amar, porque o amor destrói barreiras.



PARE O EXTERMÍNIO JUVENIL!

por Júlio Cesar de Lima / Professor / Colégio Maria Auxiliadora

Os números da violência, principalmente nas regiões metropolitanas, há tempo colocam o Brasil no topo do ranking dos países que mais vitimam as juventudes. Segundo Relatório da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA), em média, diariamente, 54 jovens são vítimas de homicídio. Um estudo inédito divulgado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) estimou que nos últimos sete anos mais de 33 mil adolescentes seriam assassinados. A Organização das Nações Unidas (ONU) alerta que são os jovens entre 15 e 24 anos de idade, os que mais sofrem agressões físicas, sobretudo, negros e negras. Paralelo a isso, dois a cada dez jovens não estudam, nem trabalham.

Diante da perversidade desse quadro, os próprios jovens têm se posicionado, muitas vezes, com medo e pavor, outras com resignação e em alguns casos com indiferença. São poucos os que sozinhos conseguem forças para buscar alternativas de superação da violência, o que conduz ao crescimento do sentimento de impotência, desânimo e mal-estar diante da própria vida e diante da vida do restante da população. A situação passou dos limites e continua urgente.

Não há dúvida de que as medidas para o fim da violência e implementação da paz terão alcance muito reduzido se permanecerem no campo restrito da resposta à violência. Inúmeras experiências ao longo dos séculos nos dão prova disso. Basta verificarmos, por exemplo, os esforços e orçamentos das nações, em geral, no que diz respeito à edificação de escolas e construção de presídios. A superação da violência exige uma transformação cultural. Para isso, é preciso ações de sensibilização e conscientização junto aos órgãos de Segurança Pública; acompanhamento e denúncia das violações de direitos humanos praticadas pela mídia; organização permanente de atividades que visibilizem tal realidade e, sobretudo, a formação explícita da juventude para os valores da paz e da não-violência.

Nesse sentido, o preâmbulo da Constituição da UNESCO, órgão das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, lembra-nos: "Como as guerras nascem na mente humana, é na mente humana que devem ser erguidas as defesas da paz". Portanto, para alcançar uma solução eficaz, faz-se necessário criar pólos positivos de não-violência e paz. Tamanho trabalho demandará, a longo prazo, acompanhamento sistemático e criterioso, a fim de mudarmos os históricos paradigmas violentos com os quais estamos acostumados. O objetivo é construir uma cultura de paz, em defesa da vida da juventude, denunciando as estruturas sociais que geram violência e morte. Tal cultura de paz torna possível o desenvolvimento duradouro e a satisfação de todo e qualquer ser humano.

Um trabalho de ativação do potencial transformador da juventude, em nível das motivações mais profundas, poderá contribuir para uma possível inversão desse quadro violento e resgatar sua contribuição no processo de transformação cultural. Para tanto, faz-se necessário um programa de formação para a paz e a não-violência, através de formas de aprendizado em que os próprios jovens possam atuar como protagonistas. E, ao mesmo tempo em que se apropriarem da discussão teórica atual sobre o trabalho pela paz, reestruturarão suas relações interpessoais e sociais.

De que forma nossas escolas, em geral, estão envolvidas eficazmente nesse processo?

Se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração e valorização, nos permite viver como irmãos, cuidando do seu semelhante.

Selene Coin Vargas
Assistente Social / Rede Notre Dame



Entre nós deve reinar uma completa igualdade..

Júlia Billiard

É PRECISO COMPARTILHAR A ALTERIDADE

por Cláudia Lima Gonçalves / Supervisora / Colégio Maria Auxiliadora

Encontrar o equilíbrio para viver em sociedade nem sempre é fácil. De um modo geral e simplista o conceito de sociedade pode ser entendido como “um grupo de pessoas vivendo juntas numa comunidade organizada”.

E como viver de forma organizada, tendo um cuidado pelo outro, sem esquecer de cuidar de si mesmo? Como trabalhar o princípio da alteridade na escola, na sala de aula ou em qualquer ambiente de aprendizagem?

Mãe espiritual da Congregação Notre Dame, Júlia Billiard descreve em sua última carta “... entre nós deve reinar uma completa igualdade...”. Ao partilhar essas palavras escritas em 1815, podemos perceber que é necessário viver para o outro. É preciso encontrar um equilíbrio. Precisamos primeiramente melhorar o relacionamento com nosso “eu”. Promover o pensamento crítico, a ética e o autoconhecimento faz parte de nossa formação como um ser humano íntegro, com valores que respeitam os direitos de cada ser.

Para cuidar do outro, nada melhor do que nos colocarmos em seu lugar. Respeitar o outro, com suas diferenças, sejam elas culturais, morais, religiosas, ou de qualquer outra natureza é o melhor caminho para conviver com o outro.

Marilena Chauí (2003) afirma que “os estados tem fronteiras, o conhecimento, horizontes”. Na escola aprendemos a aprender, a compartilhar, a resolver problemas, a conhecer o mundo. O conhecimento contemporâneo na chamada sociedade da informação, pode ser aprendido de forma globalizada, sem fronteiras físicas, onde os conceitos básicos de tempo e espaço podem partir de um contexto virtual.

Precisamos compartilhar – partilhar com o outro – o que aprendemos. A geração do conhecimento utiliza a tecnologia para trabalhar de forma individual e competitiva. Atualmente vemos um novo conceito de trabalho no uso de ferramentas tecnológicas. O conceito da colaboração, isto é, comprometer-se com seu próprio aprendizado, cooperando com a aprendizagem do colega, celebrando os sucessos alcançados e incentivando as habilidades de outros.

Trabalhar de forma colaborativa significa tornar o aprendizado social. Não é necessário, nem obrigatório, utilizar ferramentas digitais para esse processo. O professor é o facilitador da aprendizagem, cabe a ele delegar tarefas e organizar o trabalho em equipe. Podemos dizer que ao trabalhar de forma colaborativa estamos exercitando um dos princípios básicos da alteridade, que é interação social e interdependente com o outro.

Segundo Vygotsky “cultura é, simultaneamente, o produto da vida social e da atividade social dos homens”. Respeitar e ser respeitado nas relações sociais é estar em comunhão consigo, com os outros e com Deus. Desenvolver e compartilhar a cultura da alteridade é permanecer fiel à missão Notre Dame de “transformar o mundo, transformando pessoas e seus destinos”.

Ser educado para a alteridade significa ser humano e assumir uma postura diante do mundo e de si mesmo.

Janete Colling / Diretora / Escola Santa Catarina

NOTRE

DAME

em aula



Na tarde do dia 27 de setembro, no vasto espaço do Centro Cultural Esportivo do Colégio Santa Teresinha, reuniram-se os alunos da Educação Infantil até o 5º ano. O movimento da semana já anunciava o ponto culminante da Feira – O SARAU LITERÁRIO. Foram muitos os momentos ensaiados que prepararam os alunos para esse Sarau Literário através de poesias, músicas, encenações e produções textuais individuais e coletivas, os alunos e professores embeberam-se da bela arte literária. O encontro com a escritora dos livros estudados pelos alunos, CRISTINA DIAS que aconteceu durante a semana, mobilizou os participantes na concretização de muitos textos produzidos e expressões artísticas nas mais variadas formas.

Também estiveram presentes nesse último dia da Feira Literária, a contadora de histórias Vera com seu BONECO TONICO.

Muitos pais deixaram seus compromissos profissionais para estarem prestigiando este momento tão especial de encerramento.

“Ler é estar em contínuo processo de encantamento e formação humana. A alegria e vibração durante a Feira Literária, aconteceram, porque as leituras e os escritores aproximaram-se da realidade dos estudantes”.

Sarau Literário



por Laura Damian / Diretora
Colégio Santa Teresinha

Travessuras e Gostosuras da Família



por Arlete Rosane da Rosa
Coord. Pedagógica / Escola Sagrada Família

A proposta do projeto “Travessuras e Gostosuras da Família”, da Educação Infantil é fortalecer os vínculos entre as famílias e a escola, demonstrando aos pais como são importantes os momentos que eles dedicam aos seus filhos, já que pequenos gestos podem fazer muita diferença na vida das pessoas. As visitas das famílias na escola ocorrem semanalmente, e nessas visitas os pais elaboram com os alunos uma receita escolhida por eles. Após a receita, os alunos fazem um desenho ilustrando a receita, em uma folha com os ingredientes e o modo de preparo. Ao final de todas as visitas, cada aluno terá o seu livro de receitas, composto pelos desenhos e receitas que eles fizeram durante o ano.

Um dos aspectos mais importantes do projeto foi perceber que todos os pais conseguiram encontrar tempo para virem até a escola, pois a maioria teve que se ausentar do seu trabalho para poder vir. E quando chegavam, viam que valia a pena, pois os olhinhos dos seus filhos brilhavam, demonstrando toda a felicidade que sentiam naquele momento.

Percebemos que é cada vez mais importante sensibilizar os pais para participarem ativamente na vida escolar dos seus filhos. Pode-se dizer que a escola é um prolongamento do lar, onde a criança se socializa com as outras e partilha o seu dia-a-dia. Assim, a colaboração e interação dos pais com os professores ajuda a evitar e resolver muito dos problemas escolares que vão surgindo ao longo do seu percurso escolar.

O minhocário



A 4ª série da Escola Santa Catarina desenvolveu mais um projeto, dessa vez é a criação de um minhocário. Através dele, diversos conceitos importantes para a formação dos alunos foram desenvolvidos.

As minhocas são animais que se alimentam de matéria orgânica em decomposição e que formam túneis e galerias no solo, abrindo caminhos para a infiltração da água. Graças esta habilidade, reciclam a matéria orgânica, auxiliando na decomposição, ao mesmo tempo em que enriquecem o solo por meio da produção do húmus, um excelente biofertilizante, que poderá ser usado na horta e na produção de mudas de flores na escola.

Assim sendo, trabalharam conceitos de educação ambiental, aproveitando a fase de formação de conceitos para inseri-los em nossos alunos, agindo de modo interdisciplinar, promovendo interações e aprendizado significativo aos educandos. Proporciou-se um contato com a natureza, conscientizando sobre a importância do adubo para o meio vegetal, bem como a relevância da minhoca para o solo e sua relação com o meio ambiente.

O projeto permite que os alunos conheçam uma representação do hábitat desses animais, além de as crianças colocarem a mão na terra, nas minhocas, participando ativamente da atividade.

Também foi possível trabalhar a questão do lixo orgânico e o trabalho dos detritívoros (organismos que se alimentam de organismos mortos ou de matéria orgânica parcialmente em decomposição) e dos decompositores na cadeia alimentar. Além de introduzir uma campanha de coleta seletiva na escola, na qual o lixo orgânico produzido na hora do recreio seja direcionado para este fim, o minhocário, servindo de alimento para as minhocas, estimulando as crianças a trazer lanche saudável, principalmente frutas para a escola.



por Aline Brutti Aita / Professora
Escola Santa Catarina



Semana inesquecível

"No amor de uma criança tem tanta canção pra nascer, carinho e confiança, vontade e razão de viver."
Cláudio Nucci.

Para comemorar o Dia das Crianças o Maju preparou uma programação super especial.

Na segunda-feira, com a colaboração do CLUMAJU, foi oferecido um delicioso lanche às crianças que se divertiram na pescaria. Terça-feira a alegria foi garantida com muita música e divertidas fantasias escolhidas para o "Dia do Absurdo". Na quarta-feira foi a vez dos alunos curtirem a Sétima Arte no Cineclube da Fundação Cultural Afif Jorge Simões Filho, assistindo ao filme "The Croods". A quinta-feira foi dia de sacudir o esqueleto com as atividades da Gincana do Maju.

E para finalizar essa semana tão especial, os alunos puderam compartilhar o lanche com os colegas e dançar até cansar. Dessa forma, o Maju proporcionou a todos seus alunos um Dia das Crianças inesquecível.



por Irmã Dalva Garlet / Diretora
Colégio Madre Júlia

De 26 a 30 de agosto a Escola Sagrado Coração de Jesus realizou a Semana Literária. Como já é de costume, a Semana Literária acontece anualmente no mês de agosto, com o propósito de motivar a prática da leitura nos alunos e oportunizar a atuação no palco e interpretação de histórias, poemas, músicas e explorar a cultura do nosso país, que é muito rica.

A Semana Literária amplia a criatividade, desperta a imaginação e o fato de proporcionar momentos de encenações realizadas pelos alunos, esses fazem com que as histórias lidas por eles ou contadas por seus professores ganhem vida.

No dia 26 de agosto a abertura da Semana Literária foi por conta da turma da 2ª série com a apresentação "A Cultura das regiões do nosso Brasil", retratando e homenageando a variada cultura do nosso país. Dia 27 de agosto a Educação Infantil encenou a história "No Reino das Letras Felizes", onde os alunos se caracterizaram com as letras do alfabeto. No dia 28 de agosto os alunos da 3ª série apresentaram a peça teatral "A Galinha Ruiva" e a música "A galinha pintadinha".

No dia 29, no turno da tarde, a turma da 1ª série encenou a história "A Formiguinha Queria ser Miss" e o aluno Lucas declamou a poesia de Mario Quintana "Poeminha do Contra". No dia 30 a turma da 4ª série apresentou a peça teatral "Nossas Palavras" de Maurício de Souza.

O turno da manhã, durante toda a semana foi envolvido por apresentações com a participação dos alunos de 5ª a 8ª série. Apresentaram coreografias, interpretaram obras dos importantes autores literários e apresentaram músicas interpretadas pelo Grupo de Canto SCJ.

O encerramento da Semana Literária ficou por conta do Grupo de Canto SCJ e do Teatro "Origem", do Instituto Estadual José Barnabé de Souza, da cidade de Cerrito. O convite partiu da Diretora Catia Gowert à professora de arte Darcimary Nobre Moraes, que coordena o Grupo de Teatro da Escola JBS. Os alunos do turno da tarde se divertiram muito com o teatro e puderam observar novas formas de interpretação que servirá de inspiração para as próximas apresentações. Durante toda a semana, cerca de 800 pessoas assistiram as apresentações da Semana Literária ESCJ.

Semana Literária no SCJ



por Catia Gowert / Diretora
Sagrado Coração de Jesus



Feirão do Brinquedo

A 3ª série da Escola Maria Rainha realizou dentre as atividades em comemoração ao Dia da Criança, o Feirão do Brinquedo.

Os alunos levaram brinquedos que já não utilizavam mais e depois de organizados, cada aluno escolheu aquele que gostaria de levar para casa. Logo após houve uma integração onde todos brincaram divertindo-se muito. As crianças aprenderam que o brinquedo não precisa ser novo para ser legal.

Esta atividade tem por objetivo trabalhar a questão do consumo consciente com as crianças. Promover uma reflexão sobre o consumismo e despertar a responsabilidade e a consciência ambiental, desde os anos iniciais, para que as mesmas cresçam com este pensamento. A troca de brinquedos oportuniza uma prática educativa de forma lúdica.

A criatividade sempre traz resultados interessantes.



por Maria Medianeira / Professora
Escola Maria Rainha

Com o objetivo de conhecer e valorizar a história do município, tendo como base os conteúdos dos componentes curriculares de Geografia e História, a 3ª série da Escola Nossa Senhora Estrela do Mar vem desenvolvendo o Projeto "Conhecendo São Lourenço do Sul".

Dentro dessa proposta os alunos realizaram passeios de estudos na zona urbana, onde coletaram dados com as entrevistas.

No primeiro momento a turma visitou o Museu Municipal, local que possui peças raras do município, onde também conheceram a história do atual prédio do museu.

A turma foi dividida em grupos para a realização das entrevistas, onde cada grupo tinha a responsabilidade de apresentar aos demais colegas esse trabalho. Estiveram no Gabinete do Prefeito Municipal Sr. José Daniel Raupp Martins para entrevistá-lo, com o objetivo de conhecerem a rotina de trabalho do chefe do Executivo de São Lourenço do Sul. Foram também até a Rádio São Lourenço, entrevistar o radialista Rui Fernando Holz sobre a história da primeira rádio lourenciana. Visitaram a redação do Jornal local 'O Lourenciano' para conhecer o funcionamento do jornal. O projeto está em pleno desenvolvimento. No mês de outubro a turma visitou a zona rural, nossa colônia, realizando o roteiro do Caminho Pomerano, com o objetivo de proporcionar uma maior valorização e resgate da origem de nosso município.

No retorno das visitas ao ambiente escolar, os alunos realizam atividades diversas sobre tudo que foi vivenciado através de relatórios orais e escritos e do material publicitário que receberam entre outras.

Com isso é possível proporcionar a aprendizagem, fixando conteúdos curriculares, adquirindo novos conhecimentos através da práxis.



Conhecendo a cidade



por Veridiana S. da Rosa Timm
Professora / Escola Estrela do Mar



Bicho Papão visita projeto Arte Solidária

No dia 17/10, o Bicho Papão, monstinho da Campanha do Grupo RBS "A Educação precisa de respostas" visitou o Colégio Maria Auxiliadora para conhecer melhor o projeto Arte Solidária, um dos finalistas dos prêmios do SINEPE/RS. O objetivo com a iniciativa foi de valorizar os projetos divulgando as boas práticas realizadas no ensino privado.

O professor Adriano Rial e alguns alunos participantes do projeto contaram um pouco da história de 11 anos de trabalho artístico e solidário.

O Projeto concretiza-se pelos seus resultados em esforços culturais e sociais, em favor das pessoas menos favorecidas das cidades de Canoas e Sapucaia do Sul. Conquistou a confiança das instituições envolvidas, bem como o conhecimento e o reconhecimento dos moradores dos dois municípios. Hoje, as doações são consideradas como permanentes pelas entidades carentes.

No dia 22 de outubro houve a Audiência Pública, onde os três projetos finalistas na Categoria Responsabilidade Social – Desenvolvimento Cultural apresentaram seus projetos ao público e aos jurados. A revelação do resultado final será no dia 03 de dezembro na ocasião dos festejos do aniversário do Sinepe/RS.



por Leandro Salenave / Comunicação
Colégio Maria Auxiliadora

Nova Identidade Visual

Toda instituição tem em sua marca uma representação daquilo que acredita ser fundamental para expressar seus valores e serviços. Percebendo que as transformações da sociedade e do tempo deram um perfil estático à logomarca, a Congregação Notre Dame iniciou um processo de reformulação de sua identidade visual. Para a Rede Notre Dame, com sede em Canoas, esse processo veio legitimar o projeto de ressignificação da marca feito pela empresa Key Jump sob a responsabilidade do especialista em marcas, Arthur Bender e de sua competente equipe. Esse projeto incluiu entrevistas com diferentes grupos, encontros com as equipes diretivas, pesquisa de mercado, avaliação, análise e projeção de futuro.

A nova logomarca será utilizada por toda a Congregação Notre Dame, presente em todos os continentes, com as devidas orientações técnicas enviadas à mesma, pela Superiora Geral, Irmã Mary Kristin Battles.

A nova representação gráfica foi desenvolvida usando símbolos estilizados. O ND renovado tem traços mais fluídos e leves, ligados à letra "C", que remete ao termo "Congregação", representado por "anéis orbitais". A intenção do símbolo é evidenciar o alcance global do cuidado da vida e do trabalho evangelizador, missionário, pedagógico em todas as suas formas e estágios nos 19 países onde as Irmãs de Notre Dame marcam presença.

O formato arredondado do "anel orbital" é também um caminho que dá a impressão de movimento que impulsiona para fora e retorna para o ND, simbolizando a unidade e o fortalecimento da identidade como marca.

O resultado dessa transição traduz na troca da identidade visual de todas as escolas ND, ainda este ano, para que em 2014 as instituições sejam conhecidas e reconhecidas com a nova marca, fortalecida como REDE.

A Rede Notre Dame busca atualizar e melhorar constantemente seus serviços por acreditar que a Educação é a única maneira de transformar a sociedade. Acredita ainda que pessoas de valores e fé profunda, de caráter forte e terno, com competência e conhecimento serão capazes de interagir na construção de um mundo melhor para conviver. Esse é um compromisso intocável e uma missão da qual a Rede Notre Dame não abre mão.



Formação de Leigos no Sítio ND

Como acontece anualmente, nos dias 16 e 17 de agosto a Província Nossa Senhora Aparecida ofereceu aos colaboradores um encontro de formação de Espiritualidade Notre Dame, com o objetivo de inserir os leigos no processo de Evangelização.

Estiveram reunidas 40 pessoas dos diversos setores da mantenedora: serviço social, tesouraria, secretaria, contabilidade, informática, serviços gerais e professores de Ensino Religioso. O encontro foi realizado no Sítio Notre Dame, espaço privilegiado para recolhimento, contemplação, convivência e partilha.

Como leitura orante da Palavra, a oração foi dirigida pela Irmã Laudete Maria e se deu em torno do texto dos discípulos de Emáus. A bonita reflexão que os colaboradores fizeram, demonstrou uma generosa abertura ao Espírito Santo.

Em seguida, Irmã Maria Adelia falou do contexto atual e do papel dos colaboradores Notre Dame nesse contexto. Depois desafiou o grupo a discutirem sobre o assunto com diversos questionamentos. A reflexão ajudou os colaboradores a se conscientizarem de sua responsabilidade como leigos Notre Dame e de sua missão como cristãos.

Ao final do encontro de dois dias, o grupo se reuniu para elaborar eixos que direcionem o trabalho nos diversos setores de trabalho, tendo como pano de fundo o documento "VÃO E ENSINEM – Identidade e Missão da Escola Católica na Mudança de Época, à Luz de Aparecida", elaborado pelo Conselho Episcopal Latino-Americano.

Nos intervalos, todos puderam curtir os encantamentos do Sítio Notre Dame, que vem acolhendo inúmeros eventos com sua eficiente equipe coordenada pela Irmã Adelia Dannus.



Agendas escolares ND valorizam as riquezas brasileiras em 2014

2014 será o ano da Copa do Mundo no Brasil. Todos estarão voltados ao grande evento. Para não perder esse momento, o CCAPE - Centro de Comunicação e Assessoria Pedagógica, desenvolveu as agendas escolares pensando no Brasil. Mas não somente no futebol, e sim nas riquezas a serem contempladas pelas crianças e adolescentes.

A agenda infantil, utilizada até a 4ª série, traz desenhos de 16 alunos das oito escolas da rede, onde levantam a taça para: a fauna, a flora, o ouro, a natureza, o pau Brasil, a família, e até mesmo para o futebol.

Já a agenda juvenil, da 5ª série ao EM, compartilha passagens da Literatura Brasileira que marcam as riquezas do nosso país.

É importante vivenciar esse momento frenético com a garotada, mas não deixar de torcer, também, por tudo que o Brasil nos proporciona.

O design está lindo e nas cores VERDE, AMARELO, AZUL E BRANCO.

Aguardem até o ano que vem!



Colégio Maria Auxiliadora recebe certificação da PEA UNESCO

O Colégio Maria Auxiliadora, às vésperas de completar 70 anos de presença educacional no município de Canoas, conquista reconhecimento internacional da UNESCO pelo Programa das Escolas Associadas (PEA).

O PEA-UNESCO é uma rede internacional de instituições de ensino fundada em 1953, comemorando, neste ano, 60 anos de existência. Hoje, no mundo, existem 9,6 mil escolas associadas, distribuídas em 180 países-membros das Nações Unidas. O Colégio Maria Auxiliadora, sob os princípios da Educação Notre Dame, agrega ao seu fazer pedagógico projetos ambientais e sociais para a sustentabilidade da vida no planeta e das relações interpessoais e interculturais. Por esse comprometimento, obtivemos reconhecimento e fomos certificados como escola associada da UNESCO pela Coordenação Internacional do PEA, sediada em Paris. Na abertura do 19º Encontro Nacional do Programa das Escolas Associadas da UNESCO, realizado na cidade do Rio de Janeiro, nos dias 2, 3 e 4 de outubro, os professores Antônio Luiz de Moraes e Sueli Schabbach Matos da Silva receberam da Coordenadora Nacional, Sra. Myriam Tricate, o certificado de escola associada.



As instituições certificadas, como embaixadoras da UNESCO, têm o compromisso de trabalhar pelos valores e programas que justificam a existência da UNESCO, principalmente: educação para o desenvolvimento sustentável; desafios globais e o papel do sistema das Nações Unidas; educação para uma Cultura de Paz e os Direitos Humanos; aprendizagem intercultural.

O reconhecimento internacional é um excelente indicador de que estamos atentos aos impasses do mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que procuramos dar-lhes respostas coerentes e compartilhadas.

PERTENCER AO PEA É FAZER PARTE DE UMA REDE QUE:

- Abrange todos os continentes e envolve diferentes tipos de escolas.
- Suporta a aprendizagem intercultural e os contatos entre as escolas de todo o mundo.
- Aumenta a visibilidade da Unesco.
- Desenvolve materiais, abordagens e métodos pedagógicos sobre as prioridades da Unesco.
- Assegura o compartilhamento internacional de melhores práticas.
- Tem um efeito multiplicador na promoção da qualidade de ensino.

Para a Unesco, cada escola deve ser um polo na promoção dos valores humanos.



NOTRE DAME

Somos uma marca comprometida:

Com a excelência da educação que oferecemos aos nossos alunos; Com a formação humana e a cidadania como um direito de cada indivíduo; Com a sustentabilidade e com a ideia de colaborar com a prosperidade das pessoas e das comunidades onde atuamos, com muito respeito ao planeta; Com os valores católicos e com os princípios Notre Dame.

E acima de tudo, somos uma marca comprometida com o senso de justiça, com a igualdade entre as pessoas, com a fraternidade e com a missão mais sublime que existe: a de transformar o mundo, transformando pessoas e seus destinos.

COLÉGIO MARIA AUXILIADORA - Canoas

COLÉGIO SANTA TERESINHA - Taquara

COLÉGIO MADRE JÚLIA - São Sepé

ESCOLA MARIA RAINHA - Júlio de Castilhos

ESCOLA SANTA CATARINA - Santa Maria

ESCOLA SAGRADA FAMÍLIA - Rolante

ESCOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - Pedro Osório

ESCOLA N. SRA. ESTRELA DO MAR - São Lourenço do Sul

Matrículas

2014



Rede Nodre Dame



@ndprovincia

www.nd.org.br